

Público
P2

Estes éramos nós depois da Revolução Foi Alécio de Andrade que nos fotografou assim

P 04 a 09



Índice

4 **Alécio de Andrade**
O brasileiro que fotografou Portugal depois de Abril

10 **Análise**
Chega.
Nem carinho
nem pancada

12 **Infograma**
Como é que a Internet dá a volta ao mundo?

14 **Análise**
A democracia não é o Pai Natal, por isso não vale a pena pedir o céu

A ação e o programa



Protopia
Graça Castanheira

Os populismos de direita são, por definição, anti-intelectuais: tanto Trump como Bolsonaro se orgulham de não ler livros e desprezam toda a produção académica, que identificam como sede principal do feminismo, das políticas identitárias, do igualitarismo e do wokismo. A extrema-direita, pelo contrário, tornou-se marcadamente teórica, tendo alguns dos seus ideólogos escrito obras que sintetizam os seus pontos de vista, recorrendo estilisticamente à forma académica. Durante os últimos 40 anos – nos quais os valores progressistas foram dominantes no Ocidente – a extrema-direita teve de se limitar a ter ideias, já que a ação era inviável. Os seus intelectuais, com tempo e demora, dedicaram-se a identificar as raízes profundas do mal-estar e a lançar uma série de eixos teóricos em torno dos quais agir.

Joakim Andersen, autor sueco, militante da extrema-direita, publicou em 2017 *Ressurgir das Ruínas: A Direita do Século XXI*, em si mesmo um título sugestivo, em que clarifica a relação da extrema-direita com o populismo: “Vivemos anos agitados, marcados por vitórias populistas e derrotas globalistas. Esta tendência deverá manter-se nos próximos anos. A direita populista e nacionalista – a verdadeira direita – continuará a obter vitórias políticas e os globalistas liberais sofrerão novas derrotas nos próximos anos. É evidente que entrámos num novo paradigma”.

Evidente é, também, que os populismos são o braço armado do quadro teórico da direita radical. Andersen incita à luta: “Em termos de metapolítica, teremos de continuar a esmagar os últimos vestígios do politicamente correto e continuar a construir as nossas próprias plataformas de notícias, debate, política e socialização. Vamos intensificar os nossos esforços e tornar-nos ainda mais profissionais.” É importante ler estes

autores porque permite dar nome a que os partidos populistas estão a fazer: a sabotagem à democracia é atividade metapolítica; ao desejo de participar no sistema que condenam chamam-lhe profissionalização.

Entretanto, transversal a todo o livro está a ideia da desvirilização: “Os homens europeus não estão propriamente a tornar-se cada vez mais masculinos, mas, pelo contrário, estão a ser sucessivamente despojados das qualidades necessárias para proteger as suas sociedades, as suas mulheres e os seus filhos”. Para o autor, a cultura ocidental está esfrangalhada, basta ligar a rádio para “ouvir vozes de rapazes efeminados e gritos de mulheres passivo-agressivas”. Mas, não vá o leitor despistar-se, o autor esclarece que “em caso algum a noção de ‘virilidade’ deve ser confundida com ‘machismo’ ou com a estúpida ideia de ‘privilegio social masculino’”. A virilidade de um povo é uma condição para a sua manutenção na história. (...) Na luta pela sobrevivência, o sentimento de se ser superior e de ter razão é indispensável para agir e ter sucesso”. Credo, que antigo.

Guillaume Faye, teórico político francês e membro destacado da Nova Direita francesa, publica em 2001 *Por que Lutamos: Manifesto da Resistência Europeia*, em que resume bem a questão central: “Os europeus foram poderosos enquanto se mantiveram ingenuamente etnocêntricos. Quando começaram a interrogar-se sobre ‘o valor do Outro’, o declínio instalou-se.” (...) Lembrem-se que os nossos adversários já perderam. Só ainda não pararam de respirar.” A ver vamos.

Seja como for, o futuro próximo não vai ser bonito. Teremos de agir com a mesma determinação unida que derrotou a onda fascista que emergiu nos anos 30. Uma nova Frente Popular, que una todas as forças que valorizam o Outro.

Realizadora

Desalinho
Cristina Sampaio



A seguir
Benfica-Sporting; Sporting-Benfica



Cinco dias, dois jogos

Vai ser uma semana em cheio para sportinguistas e benfiquistas: dois jogos decisivos em cinco dias. O primeiro, no Estádio da Luz, na terça-feira, às 20h45, vai definir quem passará à final da Taça de Portugal (é a segunda mão; o Sporting leva uma vantagem de 2-1); o segundo, no Estádio de Alvalade, no sábado, às 20h30, poderá significar um passo de gigante para o Sporting na conquista da Liga, isto em caso de vitória sobre o Benfica, o seu perseguidor mais próximo (FC Porto está a dez pontos; o Braga a 15). Embora nesta fase do campeonato uma equipa

(Sporting) pareça estar uns furos acima da outra (Benfica), os jogos entre os dois principais rivais da capital têm sempre um contexto de imprevisibilidade máxima: os dois clubes já humilharam o adversário no seu estádio com resultados alargados; a história está cheia de vitórias de um e de outro quando um ou outro estavam no meio de crises ou épocas menos conseguidas; há reviravoltas épicas; há (tantas vezes) polémicas estridentes; há paixões cegas... Quando joga o Sporting e o Benfica, é quase sempre tudo um exagero. E um grande mistério. É isso que no futebol também é bom. S.B.G.

22 **Estar bem**
Adolescência,
um novo tempo
entre pais e filhos

23 **In memoriam**
Laurent de Brunhoff
O ilustrador
que celebrou
o elefante Babar

24 **Crónica**
Votar é tão bom
que devíamos fazê-lo
todos os dias

Ficha técnica
Director David Pontes
Directora de Arte Sónia Matos
Editor Sérgio B. Gomes
Designers Marco Ferreira e Sandra
Silva **Email** sgomes@publico.pt

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

Ikigai



**Tanto faz
não é resposta**
Carmen Garcia

Quando saí do hospital para trabalhar em exclusivo com a população idosa, uma colega, em tom desdenhoso, disse-me que eu estava a iniciar um processo de estagnação profissional. As palavras dela irritaram-me de tal forma que me comprometi comigo mesma, no exacto momento em que as ouvi, a provar-lhe que estava errada. E no mês em que estive de férias, antes de começar a minha “nova vida” como enfermeira em geriatria, decidi investir em livros sobre a área e conhecer outras realidades, teorias e estudos. E é com um desses livros que gostava de começar esta crónica.

Blue Zones, assim se chama a obra escrita por Dan Buettner, fala sobre as cinco zonas azuis do mundo que são, basicamente, os locais com maior percentagem de indivíduos com mais de 100 anos e menos problemas de saúde diagnosticados. Dito de forma mais simples, o livro fala sobre as cinco povoações onde se vive mais e melhor no planeta Terra e procura explicar as razões para essa longevidade saudável e feliz.

Não querendo revelar demasiado, deixem-me, pelo menos, dizer-vos que as zonas azuis identificadas no planeta são Ikaria, na Grécia, que tem, inclusivamente, uma das mais baixas taxas de demência do mundo; Okinawa, no Japão; Ogliastra, na Sardenha; Loma Linda, na Califórnia; e a península de Nicoya, na Costa Rica. O ponto comum a todas estas regiões parece ser a alimentação simples rica em frutas e verduras e com baixo consumo de carne e a existência de uma rede de proximidade comunitária muito marcada. Mas depois, evidentemente, cada uma delas apresenta características distintas. Em Loma Linda, por exemplo, está concentrada a maior comunidade de Adventistas do 7.º

Dia dos Estados Unidos. E esta comunidade tem, como característica, a realização de uma dieta bíblica que se baseia em cereais, fruta e legumes. Já em Nicoya, a forma de vida potencia a actividade física de baixa intensidade, sendo que a relação da comunidade com os cavalos também contribui para que os mais velhos se mantenham fisicamente activos (os investigadores ficaram espantados com a quantidade de centenários que ainda montavam a cavalo). Mas a região para a qual queria olhar com mais atenção e aquela sobre a qual quero falar nesta crónica é a de Okinawa, conhecida como “terra dos imortais”, mais especificamente sobre a vila de Ogimi, onde se concentra a maior comunidade centenária do mundo.

Ogimi é uma vila pequena, com cerca de três mil habitantes, onde a proporção de centenários é três vezes maior do que em qualquer outro lugar do mundo. E se é verdade que o clima ameno e a vida em comunidade são uma ajuda importante para esta longevidade feliz, o certo é que aqui se segue à letra o ensinamento confucionista do *hara hachi bu*, que, de forma simples, significa que devemos parar de comer quando atingimos cerca de 80% de satisfação. Os japoneses defendem que comer em excesso e ficar “cheio” é nefasto para a saúde e, em Ogimi, todos parecem acreditar que os 20% que separam a satisfação da sensação de saciedade total são fundamentais para manter a saúde equilibrada.

Mas não é apenas a filosofia *hara hachi bu* que distingue esta comunidade, porque, aparentemente, o grande segredo para a felicidade é aquilo que, na década de 60, a Dra. Kamiya definiu como *ikigai*. Antes de explicar o conceito e de contar como foi descoberto, deixem-me

**Hoje, vivemos
debaixo de
uma espécie
de praga de
coaching que
se aproveita
de filosofias e
conceitos para
enriquecer
enquanto
promove
fórmulas
mágicas para
a felicidade,
saúde e sucesso**

apenas dizer que, actualmente, vivemos debaixo de uma espécie de praga de *coaching* que se aproveita de filosofias e conceitos para enriquecer enquanto promove fórmulas mágicas para a felicidade, saúde e sucesso. E todos sabemos, ou pelo menos devíamos saber, que o único sítio onde as fórmulas mágicas funcionam é na sala de poções de Hogwarts. Isto para dizer que o *ikigai*, muito “vendido” por magos do *coaching*, não é a chave para resolver todos os problemas da nossa vida, mas, de facto, pode ajudar a que tenhamos melhor saúde mental e a que vivamos mais felizes.

Foi uma médica japonesa, dedicada ao tratamento de leprosos, que percebeu que alguns doentes conseguiam manter uma postura positiva e de esperança perante a doença e que outros tendiam a afundar-se no desespero. Essa postura acabava por influenciar o prognóstico e, como tal, a médica decidiu investigar o que divergia entre pacientes. Assim, ao conversar com um doente que tinha ficado cego pela lepra, percebeu que este tinha dedicado grande esforço a aprender braille e que agora se dedicava a contar aos outros doentes histórias que lia em braille, bem como a escrever, ele próprio, histórias em braille para poderem ser lidas por outros cegos.

Outra doente, a quem tinham sido amputados os dedos das mãos pela doença, dedicava o seu tempo a produzir *haikus* (forma curta de poesia japonesa), que eram muito apreciados pela comunidade leprosa internada. Continuando o seu estudo, a Dra. Kamiya compreendeu que eram mais felizes e mantinham uma postura mais positiva os doentes que conseguiam encontrar um propósito para a vida, mesmo que ajustado à adversidade. A esse propósito, que servia como motor, a médica deu o nome de *ikigai*.

E quando os investigadores da longevidade chegaram a Ogimi, perceberam que, naquela vila em

particular, todos os idosos tinham como hábito fazer coisas, maiores ou mais pequenas, que lhes dessem um propósito. Todos tinham um *ikigai*.

Para alguns idosos, o *ikigai* era tão simples como beber um tipo de café pela manhã. Para muitas mulheres, o *ikigai* era costurar roupa para crianças. Alguns homens definiram como *ikigai* manter uma horta onde toda a comunidade pudesse ir buscar, de forma gratuita, frutas e legumes. E dou estes exemplos para mostrar que o *ikigai*, esta coisa que dá um propósito e força para viver, pode ser muito simples. Aliás, tem mesmo de ser simples porque, dizem os japoneses, se exigirmos de nós tarefas acima das nossas capacidades, entramos numa espiral de ansiedade contrária ao que se pretende. Porque o *ikigai* tem de nos dar um propósito para fugir da desmotivação, do tédio e do cansaço, mas tem de ser sempre concretizável. Idosos que acordam de manhã com um propósito tendem a viver mais porque se sentem motivados. A felicidade é a consequência.

E defendem muitos especialistas japoneses que todos nós devíamos procurar os nossos *ikigais*. Porque a vida fica mais leve quando fazemos coisas que nos dão prazer e trazem um propósito. Presos numa sociedade frenética onde, tantas vezes, vivemos divididos entre fazer o que gostamos ou ganhar a vida, parece um bom princípio encontrar pequenas coisas, exequíveis, que todos os dias nos tragam um bocadinho de felicidade. E se isto quase parece senso comum, a verdade é que a maioria de nós não tem esta prática. Mas em Ogimi, sim. Em Ogimi, o *ikigai* é um modo de vida. De vida longa, motivada e feliz. De vida que dura mais de 100 anos.

Juntamo-nos a eles?

Enfermeira

O brasileiro que fotografou Portugal depois de Abril

Alécio de Andrade

Gentil e delicado no trato, rigoroso e exigente quando trabalhava, Alécio de Andrade foi o primeiro fotojornalista brasileiro a entrar para a Magnum. Estava em Paris quando o 25 de Abril aconteceu, mas veio a Portugal nesse Verão e voltou no seguinte. Das largas centenas de fotografias que então fez, 56 foram pela primeira vez publicadas em livro, quase todas inéditas. *Lumière d'Avril* é uma surpresa

Por **Lucinda Canelas**, em Paris

Nas estantes daquela que também foi a sua casa estão guardadas centenas de livros de poesia, ficção e fotografia que foi reunindo ao longo da vida, livros que, nalguns casos, escaparam por pouco à tendência do pai para reclamar para a sua biblioteca o que não lhe pertencia. Numa das prateleiras, chama a atenção o apito que, em

nome da segurança e em virtude do seu lado mais clownesco, costumava levar no bolso quando saía à rua com os dois filhos, Balthazar e Florencio.

“Sempre que o Alécio levava os nossos filhos a algum lado quando ainda eram pequenos, muitas vezes ao Louvre, punha o apito no bolso. Usava-o para parar o trânsito e os meninos atravessarem em segurança. Ele era tão diferente...”, lembra agora Patricia Newcomer, que foi sua mulher e é hoje a fiel depositária

do arquivo deste fotojornalista que morreu no Verão de 2003. “O Balthazar e o Florencio riam muito com estas coisas do pai, com a maneira como ele andava pelas ruas e falava com as pessoas. O Alécio, que tinha muitos amigos escritores, artistas, intelectuais, e que com eles gostava de se sentar horas nos cafés a conversar ou só a olhar, conseguia falar com toda a gente, tinha uma empatia enorme, uma delicadeza natural.”

Patricia Newcomer (n. 1948) e Alécio de An-

drade (1938-2003) conheceram-se em 1982 por intermédio de um amigo comum, o escritor argentino Julio Cortázar, e apaixonaram-se no ano seguinte. Viveram juntos até à morte deste que foi o primeiro fotógrafo brasileiro a integrar a mítica cooperativa Magnum, a convite de um dos seus fundadores, Henri Cartier-Bresson (1908-2004), de quem viria a tornar-se muito próximo.

“Eram muito amigos, apesar da diferença de idades”, diz Newcomer, mostrando →

FOTOGRAFIAS: ALÉCIO DE ANDRADE, ADAGP PARIS, 2024



Errância

L'homme aux semelles de vent, Gare Marítima da Rocha do Conde Óbidos, Alcântara, Lisboa, Verão de 1974. A legenda que surge no livro para esta fotografia remete para a alcunha que Paul Verlaine deu a Arthur Rimbaud, que era alguém que não conseguia ficar muito tempo num mesmo sítio. Contudo, a realidade retratada na imagem é menos poética do que esta referência literária, já que possivelmente se trata da chegada de um retornado — as ex-colónias tornaram-se lugares difíceis para cidadãos portugueses, sobretudo depois das independências

a dedicatória carinhosa escrita num dos livros do influente fotógrafo francês ou um postal por ele enviado ao brasileiro. “Cartier-Bresson gostava de contar com a opinião do Alécio quando estava a preparar uma exposição. Chamava-o antes da inauguração para ele dar a sua opinião sobre a montagem. Com Josef Koudelka havia também uma grande amizade. Tinham nascido os dois no mesmo ano, com poucos meses de diferença. Falavam de tudo, da vida.”

No apartamento parisiense que ambos partilhavam com os filhos – Alécio de Andrade manteve sempre outro poiso na cidade, na Rue des Rosiers, no Marais, onde trabalhava e passava boa parte do dia – estão também muitos livros escritos por outros amigos. Escritores e intelectuais como James Baldwin e o já referido Julio Cortázar, mas também brasileiros como Marques Rebelo, Fernando Sabino e Carlos Drummond de Andrade, autor de um poema em que fala dos seus “olhos líricos” (*O que Alécio vê*).

“Alécio tinha mais livros, mas o pai [o escritor e advogado Almir de Andrade] ficou com alguns. Tinha uma biblioteca com mais de 20 mil volumes no apartamento onde vivia no Rio de Janeiro, por cima do [arquitecto e urbanista] Lucio Costa, mas, sempre que aparecia um lá em casa, mandava encaderná-lo e punha-lhe o seu carimbo”, conta Patricia Newcomer, guardiã atenta e generosa da obra do marido.

Viagens a Portugal

Quando Alécio de Andrade saía para as ruas de Paris de Leica ao ombro e dizia que ia trabalhar, a mulher sabia que isso significava que ele não tinha horas para voltar. Andaria, muitas vezes sem destino, à procura de uma fotografia.

Os 40 anos que viveu nesta cidade, a que chegou para estudar Cinema e onde se fixou em 1964, estão no arquivo que Patricia Newcomer levou quatro anos a organizar (2004-2008), logo depois da morte do fotógrafo. É esse arquivo que agora faz companhia aos livros, em pastas de cores diferentes, para separar contactos e negativos, fotografia a cor e a preto e branco, tudo cuidadosamente arrumado, respeitando temas e cronologias.

No meio de dezenas de milhares de imagens, estão cerca de três mil feitas em Portugal no pós-25 de Abril, em três viagens realizadas entre o Verão de 1974 e o de 1975, aquela que foi bem “quente”.

Alécio, que vira a Revolução portuguesa a partir de Paris, onde já fotografara intensamente o Maio de 68, deambula, então, por Lisboa e arredores; vai a Grândola e a Fátima, tornando-se uma testemunha privilegiada deste período conturbado em que os militares têm um papel determinante e os governos são experiências de curta duração, com a tensão a crescer entre as facções de esquerda e de direita num país recém-saído de uma ditadura de quase meio século que quer afirmar-se democrático e livre.

Desse lote saído dos tempos do PREC (Processo Revolucionário em Curso) – 2600 imagens a preto e branco, 800 delas em Fátima, e perto de 300 a cores – foram escolhidas a muito custo 56 fotografias que constam do livro *Lumière d’Avril, Portugal 1974*, recentemente publicado em França pela editora Chandeigne. Escolhidas a custo, garante Anne Lima, a sua editora, porque “o trabalho de Alécio de Andrade é extraordinário e nunca é fácil decidir, entre dezenas de fotografias



muito boas sobre o mesmo tema, qual é que vai ser mostrada aos leitores”.

A abrir este volume de pequeno formato com 150 páginas e uma impressão muito cuidada, que trata com o mesmo desvelo as fotografias a cores e a preto e branco, praticamente todas inéditas, está um ensaio de Yves Léonard, professor do Instituto de Estudos Políticos de Paris e especialista em história contemporânea de Portugal, que põe em contexto o trabalho de Alécio de Andrade e faz um *travelling* breve sobre uma época em que, diz, “as emoções estavam ao de cima” e a Revolução ainda nas ruas.

Para fotografar Amália Rodrigues e um jogo de futebol, Alécio de Andrade estivera já em Portugal em 1972, aos 34 anos, quando Salazar já tinha morrido e o Estado Novo, incapaz de se regenerar com ele e sem ele, se aproximava do fim. Mas no regresso a Lisboa pós-25 de Abril deu com um turbilhão, explica Patricia Newcomer, que conhece muitíssimo bem este espólio e que há já muito tinha vontade de mostrar as suas fotografias associadas à Revolução.

Nas caixas de arquivo estão negativos e folhas de contacto em que o fotógrafo deixava, a caneta de feltro vermelha, anotações, indicações de edição e marcas a assinalar a publicação a que se destinavam. Mas Patricia Newcomer também tem guardada e catalogada outra documentação, entre ela telexes com informação que recebia da Magnum, agência de fotojornalistas que integrou entre 1970 e 1976, e até telegramas em que os seus editores perguntam por onde andaré ele: “Por favor, pode dizer-nos quando é que Alécio de Andrade deixou Lisboa? Era suposto



Terapia de grupo

No topo, os generais Spínola e Costa Gomes em Mafra, à chegada às celebrações do Dia do Exército, que, em 1974, se comemorava no dia 14 de Agosto; à direita, “Deambulação em família; o general Spínola e o seu irmão Francisco, em modo terapia termal no Buçaco, 18 de Agosto de 1974”. Em cima, lugar de fruta e legumes na Rua de São Miguel, Alfama, no Verão de 1974; ao lado, Alécio fotografado pelo amigo Chico Mascarenhas numa rua de Alfama, Lisboa

que tivesse chegado a Paris no final da semana passada, mas ainda não recebemos notícias dele. Estamos um pouco preocupados, pode ajudar-nos?”

O outro lado

Correspondente da prestigiada revista semanal brasileira *Manchete* (1966-1973), ao longo da sua carreira Alécio de Andrade viu o seu trabalho impresso em jornais e revistas vários, uns generalistas, outros da especialidade: *Elle*, *Figaro Madame*, *Géo*, *Le Nouvel Ob-*



servateur, Marie-Claire, Il Tempo, Nuova Fotografia, Stern, American Photographer, Fortune, Newsweek, Jornal do Brasil ou Veja.

Foi na americana *Newsweek* e no francês *Le Point*, por exemplo, que publicou retratos do general António de Spínola, primeiro chefe de Estado do Portugal democrático (15 de Maio a 30 de Setembro de 1974), fotografias de manifestações em Beja e em Lisboa e ainda de montras de livraria em que cartazes de Lenine e Marx surgem junto a uma série de romances pornográficos.

Figuras da Revolução e destes tempos que se lhe seguiram, como Vasco Gonçalves, Otelo Saraiva de Carvalho e Francisco da Costa Gomes, o primeiro chefe militar a defender uma solução política para a guerra colonial e sucessor de Spínola na Presidência da República, chegam também à imprensa internacional graças a Alécio de Andrade e à sua Leica.

“Como ele pertencia à Magnum e com ela trabalhava para a imprensa, não pode fugir às figuras mais importantes, mais célebres, e que neste período incluem o general Spínola e outros oficiais como Costa Gomes, Otelo, Melo Antunes, Vasco Gonçalves. E depois figuras políticas como Mário Soares e Álvaro Cunhal”, explica Yves Léonard, que é autor de uma biografia de Salazar e que publicou este mês nas Edições 70 a sua *Breve História do 25 de Abril*.

Alécio estava habituado a fotografar personalidades célebres – tem retratos de Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Susan Sontag, Jean Genet, Michel Foucault, Arthur Rubinstein, Salvador Dalí, Alfred Brendel, Edgar Morin, Maria Helena Vieira da Silva ou Henry Miller

–, mas a dar-lhes também um outro lado, acrescenta o historiador que descobriu Portugal aos 20 anos e que nunca deixou de regressar, sobretudo no que à investigação diz respeito. “No livro está uma das muitas fotografias que Alécio fez do Spínola no Buçaco, com o irmão. O que ela nos dá não é a imagem clássica que dele temos, a do general hierático, de monóculo, é a de um *dandy* estival.”

Lumière d’Avril mostra-nos, pois, que Alécio de Andrade não fugiu aos chamados “incontornáveis” da Revolução, às “figuras que lhe deram o tom”, como diz Léonard, mas não se ficou por aí, nem podia. Como homem de esquerda que era – “um humanista, sobretudo” –, quis dar palco aos estudantes, trabalhadores rurais e operários que enchiam as ruas, assim como aos que viviam ainda em condições de grande pobreza, nos bairros de lata dos arredores de Lisboa e nos campos do Alentejo.

“Ele sabia que a história não é feita só de grandes homens, embora seja com frequência escrita por eles. Há também a história popular, a das pessoas a que não se dá voz. Talvez pela sua formação, talvez pela sua capacidade de captar o quotidiano, a vida das pequenas coisas, Alécio também as fotografa. Vemos uma grande percentagem de anónimos neste livro, precisamente para nos dar esse lado do dia-a-dia, com as suas hesitações, incertezas, bonomia, ironia...”

Pela independência das colónias

Quando há quatro anos propôs a Anne Lima, uma das responsáveis da Chandeigne, a editora/livraria parisiense que desde 1992 se

“

Ele sabia que a história não é feita só de grandes homens, embora seja com frequência escrita por eles. Há também a história popular, a das pessoas a que não se dá voz. Talvez pela sua formação, talvez pela sua capacidade de captar o quotidiano, a vida das pequenas coisas, Alécio também as fotografa. Vemos uma grande percentagem de anónimos no livro Yves Léonard



dedica a temas portugueses, brasileiros e da África lusófona, que fizesse um livro com as fotografias de Alécio de Andrade do Portugal de 1974 e 75, Patricia Newcomer levava já uma pré-selecção feita. Lima e Léonard trabalharam, sobretudo, a partir dessa primeira escolha.

“Que tipo de imagens posso eu dar a um historiador?”, interrogou-se Newcomer, acusando o peso da responsabilidade de mostrar a partir de Paris o trabalho de um fotógrafo brasileiro nos 50 anos da Revolução portuguesa. “Eu queria mostrar o melhor possível as fotografias do Alécio, mas também queria que o Yves achasse interessante escrever sobre elas.” Yves Léonard agradeceu-lhe a generosidade. Anne Lima também. Nascida em Lisboa e formada em História, a discreta editora da Chandeigne não esconde o entusiasmo com que recebeu a proposta da mulher de Alécio de Andrade: “Claro que saber que o Alécio tinha estado em Portugal em 74 mexeu comigo. Ter ali todas aquelas fotografias desconhecidas de um período tão particular e ter a possibilidade de as mostrar foi muito especial.”

Como Alécio trabalha para a imprensa, tem perfeita noção do que era noticioso e da importância da informação. As legendas que faz são muito completas, fornecem um contexto detalhado. “Ele mandava os rolos de filme para Paris para serem revelados com textos em inglês, porque esta ou aquela imagem podia ir parar à [revista semanal alemã] *Stern* ou à [norte-americana] *Newsweek*. E é porque vão para jornais e revistas que ele fotografa a cores, caso contrário usaria só o preto e branco, que ele preferia, de longe”, acrescenta Patricia Newcomer. “Ao escrever, era suposto dar factos, mas o Alécio não se limita a isso, interpreta-os, fala também sobre o que sente. A sua opinião é informada, mas não é seca.”

“Muito popular ao prometer reformas liberais e uma evolução rápida em direcção à democracia”, escreveu numa das legendas sobre Spínola. “Uma democracia que funcione depois de meio século de um reinado autocrático exige mais do que uma proclamação”, lê-se noutra, como quem diz que ao general não lhe bastava falar, já que o trabalho árduo, a sério, começara depois de derubada a ditadura.

“Os portugueses têm da Revolução a imagem que o Alfredo Cunha e o Eduardo Gageiro lhes deram. Estas fotografias não têm soldados, capitães, cravos, porque o Alécio chegou depois. Ele apanha o processo revolucionário, a parte em que a Revolução, que não se podia fazer num dia, começa a tornar-se mais complicada”, diz Anne Lima. “O que quisemos foi mostrar como era vivido o PREC, tanto a partir das suas figuras-chave, como das pessoas comuns. Quisemos também que se visse a abordagem dos jornais, as mensagens dos cartazes nas manifestações.”

A editora e o historiador estudaram muito as legendas que o fotógrafo deixou e procuraram adaptá-las ao público francófono, que facilmente se consegue relacionar com este período da história de Portugal porque também a França teve um império colonial, de-fine.

“Outro dos temas que fizemos questão de ter foi o colonialismo – quisemos mostrar imagens em que se vissem pessoas negras, que raramente se vêem noutras fotografias da época, e isso não foi difícil porque o Alécio presta muita atenção às manifestações que exigem a libertação imediata das colónias.”



Yves, que no seu ensaio-guião já dá conta do carácter rígido da sociedade portuguesa pré-Revolução, reforça esta ideia que se transformou em critério de escolha: “O que é muito notório nas fotografias do Alécio é a presença das mulheres e, sobretudo, dos sectores da sociedade que apelam à descolonização no Verão de 1974, em particular a da Guiné-Bissau, cuja independência já tinha sido autoproclamada em Setembro de 1973 pelo PAIGC [Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde]. Vemos estes homens e mulheres negros que estão nas ruas de Lisboa para se manifestarem e para garantir que a independência se concretiza.”

Sendo brasileiro e tendo sido criado num ambiente familiar em que o preconceito não tinha lugar, Alécio de Andrade não fazia distinções com base na cor da pele nem no sexo, assegura a sua mulher. A seu lado, Anne Lima acena em jeito de confirmação: “Ele prefere o nível do humano. O acontecimento é importante, mas são as pessoas influenciadas por esse acontecimento que mais lhe interessam.”

É este lado humanista que Yves Léonard mais aprecia nas fotografias de Alécio de Andrade, porque nele há espaço para o humor, a falha, o inesperado.

“O Alécio tem este olhar mestiçado, sensi-

vel, pelas suas origens e pela sua cultura pessoal, mas também política. Há nele uma abertura ao mundo, aos outros. Era um homem extremamente afável, com uma propensão para olhar para todos como iguais”, defende o historiador. “Numa sociedade como a portuguesa daquela época – de castas, muito hierarquizada –, ele tem como vantagem esta empatia natural que lhe permite chegar mais perto de qualquer pessoa.”

Liberdade e esperança

Alécio de Andrade fotografa comícios e protestos, soldados e oficiais em Mafra e em Tancos, os líderes militares e políticos, mas as imagens que Yves Léonard considera mais “paradigmáticas” são as das manifestações que reclamam a descolonização efectiva ou o direito ao divórcio. “Também tenho um carinho particular pelas de Fátima, porque Alécio quis ir ao santuário para ver o reverso da medalha.” Quería saber, acrescenta Patricia Newcomer, “se a Revolução tinha chegado a um dos lugares mais conservadores do país, não para julgar, mas para ver”.

Esta luz de Abril que dá título ao livro publicado no final do ano passado traduz o sentimento que então se vivia, a esperança de que a liberdade que chegara não voltaria a ser posta em causa, acrescenta o autor do



ensaio-guião que enquadra o trabalho do fotógrafo.

“Haveria combates para a preservar, tentativas para a subjugar, golpes de Estado, iniciativas contra-revolucionárias de sabotagem, bombas contra o processo revolucionário e o MFA, mas esta liberdade existia, sentia-se, e Alécio lê-a muito, muito bem”, sublinha, porque “está no meio da luta” para dela dar conta da forma mais rigorosa e mais autêntica possível.

O fotógrafo capta “não apenas a alegria que ilumina certos rostos, mas a felicidade imensa, o sentido de libertação que se instala”, sem escolher um lado e sem manipular: “O seu registo é sempre de grande franqueza,

de grande honestidade intelectual, e é isso que o torna tão próximo 50 anos depois.”

A Patricia Newcomer agrada-lhe que na capa de *Lumière d’Avril* esteja um homem carregando uma mala, um exilado – um “retornado”, corrige-se de imediato no português claro que aprendeu com o pai dos seus filhos. “Também Alécio foi um exilado aqui, tal como Chico Buarque, de quem era amigo.” Paris era para ele a cidade necessária e o Brasil “um cemitério”, escreveu, mesmo que parte do seu coração nunca tivesse deixado de estar lá, recorda a mulher. “O Rio era a família, os livros, os amigos, mas em Paris ele sentia-se em casa, embora nunca o dissesse assim, desta maneira, associando



Que fazer?

No topo, da esquerda para a direita, manifestação pelo reconhecimento da independência da Guiné-Bissau por parte de Portugal, Praça do Rossio, Lisboa, Verão de 1974; familiares aguardam retornados das ex-colónias; manifestação na Praça do Comércio; Mário Soares num comício do PS no Pavilhão dos Desportos, Lisboa, em 1974. À esquerda, páginas de revistas internacionais (*Gaceta Ilustrada* e *Newsweek*) com fotografias de Alécio de Andrade do pós-25 de Abril; à direita, *Que Fazer?*, habitantes de Grândola, no Outono de 1974



as palavras Paris e casa.”

O fotojornalista não teria pensado, provavelmente, em fazer um livro com estas imagens da Revolução portuguesa, nem mesmo se Patrícia Newcomer o sugerisse. “Nada o obrigaria a fazer uma coisa que ele não quisesse fazer”, diz ela: “As galerias organizavam exposições do trabalho do Alécio apesar do Alécio.”

Isto não significava, no entanto, que não quisesse deixar uma marca e que não visse a fotografia como um instrumento para o fazer. Ele, que começara a fotografar por prazer, acabaria por perceber no Maio de 1968, trabalhando para a *Manchete*, que a fotografia lhe trazia uma enorme responsabilidade,

porque tinha impacto – quando passou a ser um documento, o seu compromisso para com ela tornou-se diferente.

Pedro Pinheiro Guimarães, Chico Mascarenhas e Luiz Garrido, três fotógrafos brasileiros que dividiam com ele o escritório da delegação desta revista em Paris – num prédio em que chegavam a partilhar o elevador com a atriz alemã Marlene Dietrich –, lembram num pequeno vídeo disponível no *site* do Instituto Moreira Salles o quanto Alécio os influenciou.

“Ele dizia que às vezes é preciso ser *clown* para fazer uma fotografia”, recorda Mascarenhas, a quem tentaram dissuadir de mostrar o seu trabalho a Alécio de Andrade: “Falavam: ‘Você ‘tá maluco? O cara é exigente ‘pra burro, acha sempre tudo uma merda.’”

Perfeccionista, costumava pegar nas provas de contacto dos amigos para lhes corrigir enquadramentos a caneta vermelha e em seguida sugeria-lhes que fossem a um museu e se sentassem à frente das pinturas dos impressionistas o tempo que fosse preciso para aprenderem alguma coisa sobre luz e composição, conta Garrido. “As fotografias dele eram musicais, eram poesias musicadas”, acrescenta Mascarenhas.

O talento de Alécio de Andrade era tão estimulante quanto intimidante, reconhece Patrícia Newcomer. “Ele era encantador porque facilmente se deixava encantar pelas coisas, pelas pessoas, mas era também rigo-

roso.” No momento certo, uma situação banal podia ser motivo de deslumbramento, mas para a fotografar era preciso dispensar amadorismos.

Álvaro de Campos, o preferido

“Um menino de olhos grandes e sorriso sedutor”, que morava no Leblon, frente ao mar, que herdara do pai o gosto pelos livros e o piano, e da mãe “a alma dançarina”, assim o via uma amiga, Rachel Gutiérrez, quando o conheceu, eram ambos adolescentes.

Dizia de cor Alfred de Vigny, Verlaine e Baudelaire. Lia muito Fernando Pessoa e o seu heterónimo de eleição era Álvaro de Campos, de quem costumava recitar o poema *Tabacaria*, escreve Gutiérrez no prefácio do volume *Cartas a Alécio de Andrade*, publicado em 2018 pelo Instituto Moreira Salles, de São Paulo.

O seu pseudónimo de poeta era, aliás, André Campos, “uma combinação inspirada de André Gide [Nobel da Literatura francês] e Álvaro de Campos”, explica Patrícia Newcomer, defendendo que, apesar de ter ganho concursos com Vinicius de Moraes e Cecília Meireles entre os jurados, Alécio de Andrade trocou a poesia pela fotografia sem arrependimentos. Sabia que nunca chegaria ao nível dos poetas que mais admirava e, quanto ao piano, só manteve o hábito de tocar todos os dias porque gostava da disciplina que isso exigia.

“Não sei se por causa da música – uma verdadeira obsessão para o Alécio, que não passava um dia sem se sentar ao piano para tocar Bach, Haydn ou Schubert – se por causa da poesia, ele tinha um incrível sentido de tempo, de ritmo. Os momentos de pausa eram muito importantes, assim como o não dito, tudo o que era subentendido, subtil.”

Patrícia Newcomer nunca conseguia adivinhar o que lhe ia na cabeça, mas sabia que Alécio de Andrade odiava a luz de Agosto e que preferia fotografar no Inverno, porque achava mais interessante uma mulher de lenço, luvas e botas do que uma sem casaco. “A pele via-se a toda a hora, não tinha mistério”, dizia ele. “Não se tratava do que está escondido, mas daquilo que não se vê logo”, acrescenta ela.

Reservado por natureza, Alécio de Andrade nunca discutia o seu trabalho com a mulher. “Ele não partilhava e eu não fazia perguntas. Éramos ambos muito tímidos e encontrávamo-nos, entendíamo-nos, eu acho, nessa timidez. Alécio tinha pudor de falar do que era pessoal, íntimo.”

Patrícia Newcomer não se atreve, por isso, a especular sobre o que pensou ou sentiu Alécio de Andrade, que acompanhava à distância a ditadura militar brasileira (1964-1985), no pós-25 de Abril, fotografando pessoas que, como ele, falavam português e com quem era fácil ficar à conversa.

“Ele era claramente um homem de esquerda – dizia que era à esquerda que estava o coração, por algum motivo –, mas mais do que isso não posso dizer. Têm de ser as fotografias a falar”, conclui, com uma das suas folhas de contacto desse período na mão: “Isto é o que de mais privado, íntimo, se pode mostrar do trabalho de um fotógrafo. É tão privado e íntimo como o manuscrito de um escritor.” Alécio de Andrade podia ter sido um. Estudou Direito, quis ser pianista, fez poesia e acabou fotógrafo. Múltiplos dons para um só homem – o mesmo que muitas vezes ia para a rua com um simples apito no bolso.



“

Não sei se por causa da música se por causa da poesia, ele tinha um incrível sentido de tempo, de ritmo. Os momentos de pausa eram muito importantes, assim como o não dito

Patrícia Newcomer

Chega

Nem carinho nem pancada



Análise Como os incêndios no Verão e as cheias no Inverno, também o sucesso eleitoral da extrema-direita tomou os portugueses de surpresa. Tomou? Entre culpas e culpados, evocações abrilistas e paternalismos fofinhos, é importante não deixar de reconhecer os problemas que existem e os caminhos que nos sobram. Uma reflexão sobre as fragilidades da verdade e da democracia

Por João Marecos

Na ressaca de mais uma cavalgada exponencial do Chega em legislativas, não faltou quem prescrevesse receitas de combate. É natural, mas não é novo: desde que o partido entrou no panorama político português que não falta quem jure a pés juntos ora que “não se pode conversar com o Chega”, ora que “não se pode deixar o Chega a falar sozinho”.

A última iteração deste conflito tem-se centrado menos no que fazer com o partido – a resposta final foi: ninguém sabe – e mais no que fazer com “o seu eleitorado”.

Miguel Pinto Luz, do PSD, afirma que estas pessoas devem ser acarinhadas, mas Miguel Esteves Cardoso defende que é melhor esquecê-los porque são do contra. Se João Miguel Tavares acha que o voto destes eleitores é um “desabafo cívico relevante”, já Carmo Afonso não lhes reconhece o direito às “rebeldias” que defendem.

Isto está uma confusão e ainda nem saímos das páginas do PÚBLICO – porventura uma fragilidade que explica muita coisa.

Um em cada três cidadãos europeus vota em partidos antissistema (que vão da extrema-esquerda à extrema-direita, com diferentes graus de radicalismo). Desse eleitorado, metade apoia partidos de extrema-direita; a outra metade divide-se de forma quase igual entre apoiantes de partidos de extrema-esquerda e apoiantes de partidos populistas que se situam entre os dois eixos.

Este é o estado das coisas: em Portugal, como na Europa, há uma parte muito significativa da população a encontrar respostas na retórica antissistema; e há uma parte bastante significativa da população a apoiar especificamente soluções de extrema-direita, de base nacionalista e xenófoba. Isto são duas coisas diferentes, que em Portugal encontraram uma resposta agregadora no Chega. É um fenómeno que excede as nossas humildes fronteiras – e que o Chega veio aqui manifestar, mas não criou.

Não sou especialista em populismos, extremismos ou movimentos antissistema. Mas sou investigador na área da desinformação e há vários pontos de contacto entre as dinâmicas da mentira e as destes fenómenos que nos podem dar algumas pistas sobre caminhos a seguir.

Pontos de contacto

O primeiro ponto de contacto é o da falta de literacia. Diversos estudos sugerem que a resistência à desinformação vai aumentando com o nível de escolaridade. A educação é a vacina, e quantas mais doses melhor.

Arrisco dizer, contudo, que a propaganda populista nesta era digital, se dispensa quem a questione em demasia, também precisa de quem a saiba pelo menos decifrar. Assim, nem iletrados, nem pessoas de letras. O melhor alvo é aquele que já ouviu falar dos conceitos, dos temas, mas que não os domina (mesmo sem ter consciência disso). Que lê as notícias, mas só até ao segundo subtítulo. Que acompanha a política, mas não conhece as políticas. Que “ouviu dizer”, “leu em qualquer lado”. O Chega teve, como tinha acontecido em 2022, o seu maior eleitorado entre aqueles que superaram o 3.º ciclo, mas não foram para além do secundário.

O mundo é complexo, há demasiada informação e o progresso, tecnológico e social, é acelerado. É normal sentirmo-nos tentados por explicações simples, verosímeis e que nos dão a um tempo um sentimento de pertença a um grupo e de resistência contra uma ameaça comum.

Neste contexto (e em todos), a educação e o conhecimento são fundamentais ao confronto com o desconhecido e com o incompreensível. São a luz que combate a treva. A primeira resposta é a resposta de sempre: precisamos de mais escolarização, mais educação.

O segundo ponto de contacto é o da polarização, que é quando o medo da ambiguidade e da dúvida empurra pessoas para trincheiras que supostamente lhes facilitam a vida: dizem-lhes o que são por contraposição ao que não são, oferecem-lhes um mundo a branco e preto, um lado certo e outro errado, e a validação coletiva necessária para não terem de mudar de opinião.

Os estudos demonstram que pessoas com maior inflexibilidade cognitiva aderem mais facilmente a teorias de conspiração e notícias falsas que validam a sua realidade; e rejeitam mais facilmente factos comprovados que contrariam as suas narrativas. Pelo contrário, está demonstrado que quem tem maior flexibilidade cognitiva – aqueles que estão mais disponíveis a considerar informação nova e a mudar de opinião – não só identificam melhor desinformação, mas também o fazem mesmo quando a verdade prejudica a sua mundividência.

A flexibilidade cognitiva, como a muscular, treina-se, trabalha-se, assim haja vontade e ambiente. Na comunicação social, com melhores debates: menos sectários, menos achistas. Nas redes sociais, com menos certezas e mais perguntas. Mais abertura, mais ambiguidade, menos dogmas, mais resistência à desinformação, menos crença nos populistas.

O terceiro ponto de contacto é o da desconfiança nas instituições: no Governo, na imprensa, nos tribunais, na polícia, nos políticos. É um estado de espírito que condiciona o julgamento crítico da desinformação, tanto mais que se predica, muitas vezes, em dúvidas legítimas, injustiças reais, corrupção e abusos de autoridade. É desta desconfiança que os populismos se alimentam, manipulando o que é real e o que não é, as críticas justas e as soluções injustas, até se esquecerem as segundas entre as primeiras. Serve também a desconfiança no sistema como manto protetor do mentiroso: não se acredita no tribunal que condena o mentiroso; no jornalista que expõe o mentiroso; no político de carreira que se opõe ao mentiroso. Quando não se confia na boca que diz a verdade, resta acreditar na mentira.

É preciso reconhecer a legitimidade desta desconfiança. A justiça tem falhado. Os partidos de poder têm falhado. A imprensa tem falhado. Não ceder a generalizações, mas não evitar as responsabilidades nem o caminho necessário para mudar. Mais transparência, mais meios, mais independência, menos negociatas, menos compadrio, menos complacência. Se os partidos de poder não são capazes de o fazer, se apodreceram por dentro até ao imobilismo, então não são solução – e não



Dentro dos eleitores do Chega nas legislativas de 2024 coube muita gente: neonazis encartados e agricultores de Elvas à míngua; machistas ultramontanos de boas famílias e pessoas pobres nas margens das grandes cidades. Os seus votos são todos iguais, as suas motivações são diferentes entre si. Se não lhes quisermos dar mais nada, reconhecamos-lhes, pelo menos, a dignidade de não os confundirmos uns com os outros

se tornam uma apenas porque a alternativa é pior.

O quarto e último ponto de contacto é o da exclusão social. O esquecimento, o abandono são fundamento de revolta, mas também desejo de pertença. São indignação e despeito, mas também vulnerabilidade e desproteção. A Internet e as redes sociais oferecem visibilidade e comunhão. As dinâmicas de grupo são determinantes em campanhas de desinformação – a partilha de uma verdade de grupo, o combate coletivo a uma mentira. É também dessas dinâmicas que se aproveitam os populistas. Ser visto e ouvido é, para pessoas invisíveis, a maior gentileza possível – e isso permite desculpar muita coisa.

Mentir com a verdade

Educação, diálogo, reforma de instituições e inclusão social: o caminho passa por estes eixos. Não há um eleitorado do Chega, há um conjunto de eleitorados que interagem com um ou vários destes eixos, sem precisarem verdadeiramente de interagir entre si.

Não precisam, por isso, de carinho, como se fossem uma massa uniforme e infantil de pessoas carentes. Não podem, nem devem, ser extirpados da sua cidadania por terem participado na democracia de uma forma que nos indigna – e que potencialmente a fragiliza.

Dentro dos eleitores do Chega nas legislativas de 2024 coube muita gente: neonazis encartados e agricultores de Elvas à míngua; machistas ultramontanos de boas famílias e pessoas pobres nas margens das grandes cidades. Os seus votos são todos iguais, as suas motivações são diferentes entre si. Se não lhes quisermos dar mais nada, reconhecamos-lhes, pelo menos, a dignidade de não os confundirmos uns com os outros.

O Chega é de uma família política que tem vários representantes a governar pela Europa fora. Sabemos perfeitamente o que acontece nesses casos: a independência dos tribunais piora, a liberdade de imprensa é atacada, os direitos das minorias sofrem, a qualidade da democracia afunda. É assim, por exemplo, na Hungria, de Viktor Orbán, que gravou um vídeo de apoio a Ventura – um momento que teria sido revelador se perdêssemos mais tempo a noticiar o que acontece no mundo quando se coloca um Ventura no poder e menos tempo a noticiar o que diz um Ventura para lá chegar.

A democracia liberal não é uma forma de governo desenhada para agradar a toda a gente, assim como a liberdade de expressão não está constitucionalmente consagrada para proteger ideias simpáticas. É este o sistema que defendemos, de pesos e contrapesos, de consensos e concessões, de dissenso em igualdade, de respeito na diferença.

Em Portugal, votou-se em massa e o resultado desse processo democrático amplamente participado foi uma votação significativa num tipo de partido que, noutros países, reduziu (ainda mais) a qualidade da democracia. Sempre houve caminhos democráticos para desfazer democracias – para surpresa de ninguém –, assim como sempre houve formas de mentir com a verdade. Quando as fundações de uma casa são frágeis, o tecto que nos abriga é o mesmo que nos esmaga.

O tempo não está nem para carinhos coniventes nem para derivas antidemocráticas “boazinhas”. É essencial – urgente – reforçar a democracia, agindo nestes eixos comuns de que se alimentam a desinformação e os populismos: falta de literacia, maniqueísmos, instituições desacreditadas e exclusão social. A maioria das soluções necessárias precisa de tempo, coragem e consensos, mas deve começar a ser construída agora, através de sinais claros de mudança de rumo.

A democracia e a verdade não devem meter medo a ninguém. A sua fragilidade sim.

Advogado e investigador na área da desinformação

Como é que a Internet dá a volta ao mundo?

A Internet não vive da “nuvem”, nem entre as estrelas em satélites a orbitar a Terra. A maioria das comunicações *online* depende de fibras ópticas, da espessura de um fio de cabelo, integradas em cabos no fundo dos oceanos. São os cabos submarinos

Por **Karla Pequenino** texto e **Marina Chen** infografia

O fluxo invisível dos cabos submarinos

Entre 97% e 99% do tráfego intercontinental de dados depende de cabos no fundo dos oceanos que funcionam como auto-estradas para a informação digital. Mas, em vez de em carros, a informação viaja em feixes de luz

Partilhar um vídeo ou uma fotografia nas redes sociais, em Portugal, e ler quase de imediato o comentário de um amigo em Nova Iorque é hoje algo trivial para milhares de milhões de pessoas em todo o mundo que usam a Internet diariamente. Porém, por detrás dessa interação, aparentemente simples e etérea, está uma vasta rede de pesados cabos colocados no fundo dos oceanos desde o século XIX.

Ao todo, há mais de 500 cabos submarinos no mundo, entre os quais 16 ligados a Portugal. Toda a informação *online* usa estes cabos para atravessar oceanos em feixes de luz que viajam à velocidade de 200.000km/s. Isto quer dizer que o envio de um *email* entre Portugal e Nova Iorque (5419km) demora cerca de 30ms – para o utilizador, parece tempo real.

O primeiro cabo foi instalado na década de 1850 para comunicar via telégrafo entre dois continentes.

Eram essenciais para as comunicações militares entre os EUA e o continente europeu.

A expansão até à enorme rede actual é reflexo dos avanços tecnológicos – em particular, a descoberta da fibra óptica na década de 1980, um meio de

transmissão que utiliza fios de vidro ou plástico para conduzir luz e que ocupa o núcleo dos cabos. O *boom* da Internet doméstica, na viragem do milénio, tornou essas viagens de dados ainda mais necessárias.

A maioria dos cabos têm sido financiados por empresas de telecomunicações. Mas, nos últimos anos, fornecedoras de conteúdos como a Amazon, a Google, e a Meta (dona do Facebook e WhatsApp) começaram a assumir um papel mais activo para promover (e controlar) o intenso fluxo de dados nas suas plataformas. Independentemente da origem, a história mostra que diversificar o financiamento é boa ideia. Na Primeira Guerra Mundial, o Governo do Reino Unido controlava todos os cabos que saíam do país e os cabos da Alemanha no canal da Mancha foram cortados – só sobrou um, monitorizado pelos britânicos.

A diversidade geográfica também é importante. Mais cabos equivale a mais fiabilidade: se um país recorre apenas a dois cabos, e ambos se danificarem, a conectividade é prejudicada. A localização dos cabos resulta da oferta e da procura. A Europa, a Ásia e a América Latina trocam vastas quantidades de informação com a América do Norte, o que justifica a densidade de cabos nessas rotas.

Profundidade

A profundidade a que os cabos são colocados depende da região que atravessam — por exemplo, na zona mais profunda da fossa do Japão os cabos ficam a 8000m de profundidade.

8000m ≈ 73x

Perto da costa, onde o risco de danos por redes de pesca e âncoras é maior, os cabos tendem a ser enterrados para protecção.

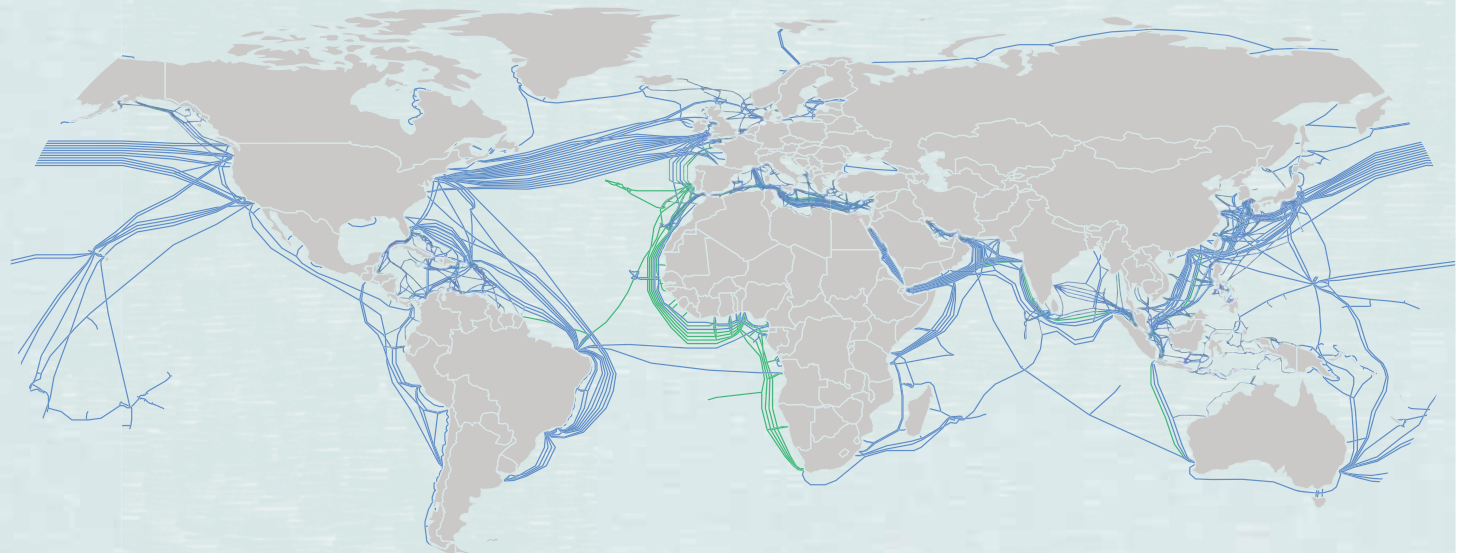
Os feixes de luz viajam à velocidade de 200.000km/s.

Nas profundezas, longe das praias, os cabos repousam directamente no fundo do oceano.

Rotas dos dados

Há mais de 500 cabos submarinos a ligar o mundo

Portugal tem vindo a tornar-se uma localização-chave. A vasta costa e a posição geográfica virada para o Atlântico fazem do país um canal de entrada para sistemas que ligam a Europa aos continentes americano e africano



- Cabos ligados a Portugal
- Outros cabos



1 Estudar a rota
A viagem dos cabos até às profundezas é demorada. Primeiro, é preciso estudar a melhor rota para evitar problemas — por exemplo, reservas naturais, fundos irregulares, fracturas da crosta terrestre (linhas de falha) e outros cabos.

2 Da terra ao mar
Só depois é que os cabos são enrolados em bobinas gigantes que viajam em navios especializados. Alguns navios levam 2000km de cabo de uma só vez para serem cuidadosamente depositados ao longo da viagem pelas rotas definidas.

3 “Lavar” o oceano
Para poupar tempo, os cabos podem viajar em embarcações distintas, que começam em pontos separados, e juntam os cabos no final. Nas áreas mais próximas da costa, onde o risco de danos é maior, é usada uma espécie de arado para enterrar os cabos no leito marinho.

Quando os cabos falham

Apesar das várias camadas protectoras, os cabos submarinos não são imunes a danos — mas são raros. Em média, são registados 100 problemas por ano. O facto de não nos apercebemos deve-se à redundância: quando há falhas, a rota dos dados tem de ser alterada, mas não pára.

Falhas causadas por navios de pesca e âncoras são as mais comuns. Segue-se o impacto de catástrofes naturais, como terremotos, e o desgaste natural dos cabos (abrasão). A sabotagem deliberada e ataques de animais aquáticos, como tubarões, são causas raras.

MORDEDURAS DE TUBARÃO

MUITO RARO

ÂNCORAS

16%

NAVIOS DE PESCA

41%

Anatomia de um cabo submarino

Os cabos submarinos tendem a ter o diâmetro de mangueiras de jardim, mas podem ser mais largos, como uma lata de refrigerante, em zonas onde há mais risco de danos. A maior parte da estrutura serve para proteger as fibras ópticas, que são a chave da transmissão de dados.

O número e o material exacto das camadas varia consoante a “missão” de cada cabo — o debate sobre a melhor estrutura continua em aberto.

Vaselina

Esta gordura mineral, aplicada em farmácia e na indústria, é extraída do petróleo, protege as fibras ópticas da corrosão.

Fibras ópticas

Finas e transparentes, da espessura de um fio de cabelo, transmitem dados sob forma de luz.

Camadas variáveis

A missão é sempre proteger e facilitar a propagação dos dados. Camadas de cobre, por exemplo, garantem uma maior condutibilidade eléctrica.

Camada externa

Protege o cabo dos danos mais externos. Por norma, é feita de polietileno, o tipo de plástico mais comum e versátil.



D de Democracia (III) O Movimento das Forças Armadas que acabou com 48 anos de ditadura em Portugal traçou três objectivos fundamentais para a Revolução dos Cravos, os célebres três D: Democratizar, Descolonizar e Desenvolver. Este é o terceiro de quatro textos, onde procuraremos sentir o pulso do primeiro D com reflexões que vão desde o envolvimento dos jovens na política e a evolução dos partidos aos direitos sociais conquistados à reforma do sistema político

Ensaio A matriz do sistema partidário português está no PREC, com dois blocos a assumirem a defesa de uma democracia pluralista com amplas liberdades: o PS na esquerda moderada, o PSD na direita possível. Será que a chegada de novos partidos vai provocar a renovação das elites políticas? O que acontece quando os partidos prometem o paraíso na terra?

Por **Bruno Cardoso Reis**

A democracia não é o Pai Natal, por isso não vale a pena pedir o céu



O regime criado pela Constituição de Abril de 1976 já é o mais duradouro do último século. Ultrapassou quer o Estado Novo salazarista (1933-1974), quer a Primeira República (1910-1926). Justifica-se um balanço histórico. Será que o surgimento de um terceiro partido com cinco dezenas de deputados, fundado em torno da ideia de que “chega” destas instituições, significa que o regime tem os dias contados? Não nos precipitemos. Na estabilidade do seu sistema constitucional e partidário, Portugal aproximou-se do resto da Europa Ocidental a partir de 1976. Não foi um acaso. Esta aproximação era uma prioridade nacional com amplo apoio popular. Era também condição para a integração plena nas Comunidades Europeias, antecessoras da



União Europeia, a qual se concretizou em janeiro de 1986, e que correspondia à promessa de Portugal passar a fazer parte do clube de 12 países mais prósperos e livres do planeta. Esta foi a mais importante viragem do posicionamento de Portugal no mundo desde o século XV, marcando o fim do ciclo do império.

No começo foi um golpe militar clássico

Ernesto Melo Antunes refere-se ao 25 de Abril de 1974 como “um golpe militar clássico”. Sabia do que estava a falar, pois não só foi um dos líderes do Movimento das Forças Armadas que organizou esse golpe, como era dos raros oficiais com sólida cultura política e atividade pública como opositorista. Várias unidades armadas ocuparam os principais centros de poder e forçaram uma mudança política. O golpe

O poder de mudar

Escadaria da Assembleia da República que dá acesso aos corredores dos Passos Perdidos: “A democracia não garante uma gestão perfeita da economia ou do Estado, porque isso não existe. Garante, sim, a possibilidade de mudarmos de governos e de políticas quando não gostamos delas”

derrubou o regime autoritário, criado por Oliveira Salazar, que tinha chegado ao poder por nomeação dos vencedores de outro golpe militar, o do 28 de Maio de 1926. Mas o que este não criou foi um regime democrático pluralista. Pondo fim a décadas de repressão, o 25 de abril deu lugar a uma explosão revolucionária em que se jogou o futuro do país. Foi nesse caldeirão revolucionário que se forjou o

sistema partidário português.

Como podemos confirmar hoje em dia, do Irão até à Venezuela, não basta uma oposição popular forte para derrubar um regime dotado de força armada. Para isso, é fundamental existir uma divisão nas elites do regime, sobretudo, entre os quadros responsáveis pelas Forças Armadas. Neste caso, tratou-se de uma conspiração militar que se autodenominou Movimento das Forças Armadas e que agrupava oficiais convencidos de que o regime autoritário vigente tinha levado o país a um beco sem saída, nomeadamente, nas guerras em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. O curto discurso do capitão Salgueiro Maia às tropas na Escola Prática de Cavalaria, em Santarém, antes de lhes perguntar se queriam ir com ele tomar Lisboa, é revelador. Disse-lhes que havia vários tipos de Estado e concluiu dizendo que, depois, “há o estado a que isto chegou”. Para ter

possibilidades de sucesso, uma mudança de regime precisa de reunir uma ampla coligação de insatisfeitos. O problema é que é preciso, depois, optar por um novo tipo de regime para substituir aquele que já poucos queriam. Foi em torno deste tipo de opções que era preciso tomar sobre o nosso futuro político que surgiu a dicotomia fundamental que moldou o sistema partidário português. Nesse processo, as urnas eleitorais acabaram por ser decisivas, mas as armas revolucionárias também pesaram nos anos iniciais.

Um sistema partidário muito elitista e excessivamente estável?

Os principais partidos do sistema português que tiveram representação durável no parlamento, desde 1975 até hoje, surgiram todos durante o chamado PREC, o Processo Revolucionário Em Curso, que se →

seguiu ao golpe do 25 de abril de 1974. Os dois principais partidos na história política portuguesa dos últimos 50 anos, o Partido Socialista (PS) e o Partido Popular Democrático (PPD), depois PSD, afirmaram-se como polos agregadores da defesa de uma democracia pluralista com amplas liberdades, com base no modelo da Europa Ocidental. O PS fê-lo no campo da esquerda moderada e o PSD fê-lo no campo da direita possível, num país que estava muito virado à esquerda após uma ditadura de direita.

Os setores da esquerda extremista que defendiam um regime do tipo das democracias populares, com base no controlo total do poder por um partido-Estado de vanguarda de ideologia marxista-leninista, como os da Europa de Leste, de Cuba, ou da China maoísta, perderam, em grande parte, a parada. Perderam-na totalmente os setores mais à direita que se opunham a uma rápida descolonização que permitisse o fim rápido das guerras, e que tinham visões mais nacionalistas reacionárias. Ou seja, perderam aqueles setores que a maioria dos portugueses temeu que levassem a uma nova ditadura. Venceram os partidos que apostaram num modelo de democracia pluralista e numa integração mais forte do que nunca no espaço euro-atlântico definido pela Aliança Atlântica e pelas Comunidades Europeias. A festa revolucionária acabou por ser a vontade da grande maioria dos portugueses expressa nas urnas, em eleições livres, começando pelas eleições mais importantes, as primeiras, de 25 de Abril de 1975, para a Assembleia Constituinte e, depois, nas de 25 de Abril de 1976 para a primeira Assembleia da República.

Todos estes partidos foram criados a partir de cima? Sim. E já assim tinha sido na Monarquia Constitucional e na Primeira República. Na verdade, os partidos são, por regra, criação de elite, pois exigem capacidade de gestão e mobilização de pessoas e recursos, assim como algum reconhecimento público das lideranças. É verdade que no resto da Europa Ocidental, na chamada Segunda Vaga de democratização, depois de 1945, vimos surgirem ou ressurgirem partidos muito orgânicos, muito ligados a amplas redes de associativismo socialmente enraizado. Foi assim com as redes ligadas às igrejas católicas e protestantes no caso dos partidos democratas cristãos, ou das redes ligadas ao sindicalismo e associativismo operário no caso dos partidos trabalhistas e socialistas, ou, até, de associações de pequenos empresários e proprietários no caso de partidos liberais ou agrários.

Em Portugal, os partidos surgiram e cresceram mais rapidamente, e mais dominados por uma pequena elite, sobretudo urbana, de Lisboa e do Porto. Também contaram com um importante apoio da elite de oficiais vencedores dos golpes e contragolpes que se sucederam do 25 de Abril de 1974 até ao 25 de Novembro de 1975, que pôs fim a esse ciclo em que as armas pesavam tanto ou mais do que as urnas. Este elitismo mais acentuado era, provavelmente, inevitável num país pobre e marcado por níveis educativos muito baixos e que o regime ditatorial de Salazar tinha apostado em despolitizar. Talvez pudesse ter surgido um grande partido de massas se a Igreja Católica tivesse decidido apoiar a opção democrata cristã. Mas significativamente o episcopado

português rejeitou publicamente essa possibilidade em 1974-75. Depois do Segundo Concílio do Vaticano, o catolicismo estava muito mais dividido do que no final do século XIX ou na primeira metade do século XX, quando a maioria desses partidos foi criada no resto da Europa.

Diga-se que Portugal é apontado como o pioneiro de uma Terceira Vaga de democratizações que teve lugar, sobretudo, na Ibero-América e na Europa de Leste. Toda essa vaga é caracterizada, precisamente, por partidos mais elitistas e mais *catch all*, ou seja, menos marcados social e ideologicamente, e mais abertos a procurar eleitores muito diversos.

Claro que a história é sempre um pouco mais complexa do que qualquer síntese breve. O PPD-PSD e o CDS, por exemplo, cooptaram importantes quadros locais mais ou menos ligados ao anterior regime ou aos setores empresariais. O PSD e o PS cooptaram quadros sindicais que não queriam ficar subordinados a uma única central sindical controlada pelo PCP. E também o PCP, que já existia desde 1921 e tinha conseguido sobreviver na clandestinidade, fê-lo, precisamente, graças a uma elite de quadros muito disciplinados e devotos, bem como, a partir do início da Guerra Fria, ao apoio do bloco soviético, designadamente à sua liderança no exílio.

Já o PS foi fundado em setembro de 1973 numa reunião apoiada pelo seu partido congénere, o SPD alemão. Mas nenhuma destas *nuanças* altera a natureza muito elitista do sistema partidário português. O grande desafio atual parece-me ser o de os partidos históricos serem capazes de renovar a sua base de recrutamento e as suas propostas em função dos desafios atuais, e não se ficarem por uma cooptação muito fechada ou, pior ainda, por uma sucessão de dinastias políticas.

Os novos partidos

O nosso sistema partidário tem sido relativamente estável desde 1975 – os sistemas partidários geralmente são-no. Mas não permaneceu totalmente imóvel. Os novos partidos que se foram somando ao sistema partidário moldado pelo PREC, depois de 1976, são também marcados por um forte elitismo. Tivemos fenômenos efémeros de dissidência de elite que levaram

a partidos efémeros como a ASDI, UEDS ou, sobretudo, o PRD, que chegou a ser o terceiro partido mais votado. Este último surge muito em torno da figura mais de elite possível, o primeiro Presidente Ramalho Eanes, que tirou partido da sua imagem de austeridade militar e dos insatisfeitos com os principais partidos da primeira fase do regime para conseguir ultrapassar os 40 deputados em 1985. Mas também este se tornou rapidamente irrelevante.

O único partido novo a emergir com expressão parlamentar duradoura foi o Bloco de Esquerda, a partir de 1999. Também este beneficiou de ser formado por vários dirigentes reconhecidos como parte da elite política, mediática e universitária. A partir de 2015, no entanto, começa a surgir uma renovação mais significativa no sistema partidário. O PAN e o Iniciativa Liberal são partidos mais ideológicos e formados por dirigentes principalmente conhecidos pelas redes sociais. Já o Livre, e, sobretudo, o Chega, paradoxalmente o partido com uma retórica mais populista antielites e antissistema, surgem a partir da figura de um líder fundador carismático que é parte da elite mediática, respetivamente, Rui Tavares e André Ventura. Para mais, no caso do partido de Ventura o crescimento do partido passou sobretudo pela cooptação de elites de outros partidos, insatisfeitas com a sua carreira política. No caso do Livre, procurou-se contrariar isso com um sistema de recrutamento invulgarmente aberto para Portugal – inclusive, com primárias para as listas de deputados – e ampla discussão programática.

Em suma, os novos partidos trazem alguma novidade e permitem alargar o recrutamento de elites, mas não alteram, no fundamental, o elitismo do sistema. Veja-se o caso do partido Volt, que muitos dizem ter propostas razoáveis, mas que não tem muitos votos porque “não tem ninguém conhecido”. É talvez normal o eleitor querer ter algum conhecimento público prévio das lideranças partidárias, o que nos leva a concluir que um certo elitismo parece ser o preço para se criar partidos de sucesso.

Numa democracia nascida de uma revolução há limites para o protesto?

Numa democracia pluralista há limites para o poder, mas também há limites para o



protesto. Não se pode dizer que os níveis de violência política em protestos sejam elevados em Portugal comparados com outros países, nomeadamente, com aqueles onde a origem revolucionária do regime é enfatizada, como em França. Esta ausência de protestos mais violentos em Portugal parece ser principalmente o resultado de a maioria da população não os apreciar, como ficou claro numa sondagem recente, e não tanto por haver na cultura política e no discurso dominante em Portugal uma noção clara da existência de limites ao protesto.

De facto, é difícil defender limites para o protesto legal e legítimo sem que isso provoque imediatamente críticas do tipo: “Com esses limites, nunca teria havido o 25 de abril”; ou “na Revolução foi-se ainda mais longe”; ou “impor limites ao protesto é defender o regresso à ditadura”. Claro que esta retórica não faz nenhum sentido. Uma coisa é o protesto que se pode considerar legítimo contra uma ditadura repressiva e violenta; outra é o protesto aceitável num regime democrático, em que as grandes opções são tomadas em função do voto de todos e há liberdade de protesto pacífico.

Os limites do protesto têm de ser particularmente restritivos no que respeita às forças que todos nós armamos com os nossos impostos. Este foi um problema fundador do regime. Até à revisão constitucional de 1981, vivemos numa inversão da lógica democrática, com uma tutela parcial do poder eleito civil pelos militares e uma autogestão das Forças Armadas. Isto era inaceitável numa democracia plena, e por isso mesmo, era inaceitável para os nossos parceiros no resto da Europa, que deixaram claro que o fim desta situação anormal era uma condição indispensável para a concretização do nosso pedido de adesão às Comunidades Europeias.





Este sistema de autogestão e tutela militar parece, ainda assim, ter deixado alguns nostálgicos. Na mais recente reforma do sistema de comando das Forças Armadas, com o objetivo de aproximar o sistema português dos mecanismos de reforço do comando conjunto que são a norma no resto da Europa, houve novamente vozes a criticar a dita “governamentalização” das Forças Armadas. Ora, este conceito é literalmente impossível de traduzir ou de fazer perceber aos especialistas destas questões em democracias consolidadas, onde se considera evidente que deve ser o governo democraticamente eleito a tutelar plenamente as Forças Armadas.

Diga-se que o facto de o PCP continuar a insistir neste ponto é especialmente bizarro, tendo em conta o histórico dos regimes comunistas, que são os praticam um maior nível de controlo político partidário das Forças Armadas com a nomeação de comissários políticos pelo partido-Estado. Também será revelador que o Chega seja o grande defensor da partidarização de polícias e militares. Será que acredita mesmo precisar disso para pôr fim ao regime atual, ou acha simplesmente que lhe rende votos e protestos? É verdade que em certos países da Europa há uma tendência errada para fazer equivaler militares e polícias a quaisquer outros trabalhadores. Não o são. Seria, aliás, incompreensível que as mesmas forças que exigem e têm subsídios e apoios especiais por causa do seu estatuto único, venham, ao mesmo tempo, reclamar direitos iguais aos dos demais trabalhadores. Como se uma greve policial não colocasse evidentes problemas de segurança pública; como se um protesto militar não se assemelhasse perigosamente a um pronunciamento militar.

Nos raros países onde existe direito à greve

Manifestações e manifestações

Em cima, festejos do 1.º de Maio de 1974, em Lisboa: “A festa revolucionária acabou por ser a vontade da grande maioria dos portugueses expressa nas urnas, em eleições livres, começando pelas eleições mais importantes, as primeiras, de 25 de Abril de 1975.” Em baixo, protesto de polícias na Praça do Comércio, Lisboa, no dia 4 de Janeiro



Em 2024, assinalam-se os 50 anos da Revolução do Cravos. Uma série especial recorda o caminho que levou ao fim da ditadura

Veja mais em [publico.pt](https://www.publico.pt)

das forças policiais ele é muito restritivo. E esse direito é nesses países o resultado sobretudo de um luxo histórico, de séculos sem golpes de Estado, de um amplo consenso nacional e partidário, bem como de bom senso no exercício desse direito pelas associações representativas dessas forças militares.

Em Portugal, qualquer esforço para defender esta posição de que a tutela do poder civil sobre as Forças de Segurança e as Forças Armadas não é negociável é alvo de críticas com o argumento de que por esta lógica não haveria 25 de abril. Mais uma vez a resposta a isto é evidente: não se pode comparar aquilo que é aceitável da atuação dos militares face a um regime ditatorial (que eles tinham ajudado a criar), com o que é aceitável perante um regime democrático.

Os regimes também se abatem e o tabu do Bloco Central

Em conclusão, o sistema partidário português dá sinais de mudança e fragmentação desde 2015. Isto acontece num contexto internacional favorável à normalização dos extremos iliberais com figuras como Donald Trump ou Viktor Orbán, para não falar de Vladimir Putin e Xi Jinping, que trabalham ativamente para tornar o mundo mais seguro para todo o tipo de autocracias. Estará o nosso regime de democracia pluralista em risco? Não necessariamente. Mas poderá estar, se os partidos comprometidos com o regime democrático se deixarem condicionar por extremismos, e não souberem dar resposta aos principais anseios dos cidadãos. Veja-se o que sucedeu na Alemanha de Weimar (1918-1933), em que Adolf Hitler nunca alcançou uma maioria absoluta em eleições livres, mas conseguiu, em poucos meses, destruir o regime democrático.

Todas as mudanças de regime em Portugal resultaram de um golpe militar. Esse risco, hoje, parece afastado. Mas convém não ser excessivamente complacente. Como referi, é preciso reforçar a interiorização por todos, civis e militares, das regras de subordinação dos militares à tutela do poder civil eleito numa democracia. Claro que para um golpe bem-sucedido não basta as apetências de uns quantos militares descontentes por tomar o poder pela força. Um fator fundamental para abrir espaço ao golpismo é uma divisão crescente das elites civis, e, sobretudo, uma crescente dificuldade em governar eficazmente, e um sentimento de incapacidade do regime para responder aos principais anseios das pessoas.

As mudanças e a fragmentação no sistema partidário não apontam inevitavelmente para uma mudança de regime. Nesta maior fragmentação partidária, Portugal segue a tendência europeia. Haver mais partidos com possibilidades de chegar ao parlamento até pode ser uma válvula de escape para os insatisfeitos, oferecendo uma oportunidade de renovação do regime. Para essa renovação, porém, há uma condição fundamental. Portugal deve também seguir a tendência europeia na normalização da prática de chegar a compromissos e coligações amplas entre partidos diferentes. É certo que chegar a acordos entre partidos com posições muito extremadas poderá ser mais difícil. E não temos essa tradição.

Tudo isto torna ainda mais paradoxal que em Portugal haja um peculiar tabu relativamente a compromissos entre os

partidos centrais do sistema político. A tese por detrás do tabu do Bloco Central é a de que esse tipo de acordos ou coligações – duas coisas bem distintas, por sinal – levam à subida dos extremismos. Nunca vi esse tabu sustentado em dados sólidos. Em Portugal, apenas houve um governo de Bloco Central entre 1983-85 e não levou ao fortalecimento dos extremos. Os dois partidos centrais – o PS e o PSD – resolveram uma crise financeira complicada, consolidaram a tutela civil sobre os militares e, depois, continuaram a dominar alternadamente a política portuguesa nas décadas seguintes.

No resto da Europa, desde a Segunda Guerra Mundial, tem havido inúmeros acordos ou governos de “bloco central” em vários países da Europa Ocidental e do Norte, onde os governos de coligação são a regra, sem que isso tivesse levado à subida dos extremos, até recentemente.

Os fatores que levaram a uma tendência geral, a nível europeu e até global, de subida dos extremos populistas – da esquerda e, sobretudo, da direita – têm pouco ou nada a ver com a existência ou não de um *Bloco Central*. Resultam, tal como aconteceu com a subida dos extremos na década de 1930, de crises sucessivas vistas por muitos como reveladoras de incompetência e corrupção de elites dominantes. Resultam também da frustração pela anomalia atual nos mecanismos de mobilidade social. Isso leva muitos a procurar alternativas radicais. Ora, não há nada mais fora do sistema dominante de partidos na Europa Ocidental depois de 1945 do que a direita radical, marginalizada durante décadas pela identificação com o nazismo ou o fascismo contra os quais foi construída a nova ordem pós-Segunda Guerra Mundial.

O grande desafio para as elites políticas comprometidas com o regime democrático não é a criação de acordos ou coligações do tipo do Bloco Central. É as elites serem incapazes de responder com eficácia às ambições de progresso e prosperidade do país devido, por exemplo, a jogos táticos que redundam no caos ou na sensação de bloqueio do regime, e que só favorecem os extremos. Mas convém também que todos os portugueses comprometidos com um regime pluralista de liberdades tenham a noção de que a democracia não é o Pai Natal, nem consiste em exigir uma lista de prendas irrealistas. A democracia pluralista e liberal de tradição ocidental não promete o paraíso na terra – isso é típico das ditaduras.

Os regimes democráticos no modelo europeu partem do pressuposto de que há necessidade de mudança, de tentativa e erro, de alternância entre diferentes soluções. A democracia não garante uma gestão perfeita da economia ou do Estado, porque isso não existe. Garante, sim, a possibilidade de mudarmos de governos e de políticas quando não gostamos delas. Desde logo pelo voto, mas também criando associações, redes e organizações. A política não se encerra nos partidos.

A democracia no modelo consagrado na Europa Ocidental é um regime exigente para verdadeiros adultos, depende de uma cidadania madura disposta a assumir a responsabilidade das suas escolhas, mas também a negociar e a chegar a compromissos com outros democratas que têm pontos de vista diferentes.

Historiador, ISCTE

Semana de lazer

Por Cláudia Alpendre Marques

lazer@publico.pt

Música

Silêncio... que aqui Soam as Guitarras

Começou em Oeiras, em 2017, e foi estendendo os acordes a Évora, Póvoa de Varzim e Setúbal. Com mais uma edição (a oitava) dedicada a dar espaço e corda a todo o tipo de guitarras, das clássicas às portuguesas ou às eléctricas, e sempre em tom intimista, a celebração arranca com a dupla inédita de Tim (na imagem) e Pedro Jóia. Mãe Pau (a soma de Paus e Filho da Mãe), Rodrigo Leão e José Peixoto, José Manuel Neto, Bruno Pernadas e Aníbal Zola são outros dos nomes convocados.



OEIRAS Auditório Eunice Muñoz, Auditório Ruy de Carvalho e Fábrica da Pólvora de Barcarena
De 4 de Abril a 18 de Maio.
PÓVOA DE VARZIM Cine-Teatro Garrett
Dias 17 e 18 de Maio.
SETÚBAL Cinema Charlot e Fórum Luísa Todi
De 24 a 30 de Maio.
Bilhetes de 7,50€ a 18€



Performance

A espiral dos corpos contaminados

Diana Niepce apresenta-nos a sua nova criação, *Utopia*. Nasce de um lugar de opressão, onde reina uma “espiral corrosiva de destruição” e um “nunca nada é suficiente”, conceitos caros ao trabalho da coreógrafa, focado na reflexão sobre os limites de um corpo fora da norma (como é o seu) e o seu enquadramento (ou a falta dele) nas artes performativas — foi este, aliás, o mote do ciclo *Corpos Políticos*, que Niepce comissariou na Culturgest, no início deste mês de Março. Situada no “campo da objectificação e também da problematização”, esta performance de quatro horas para cinco intérpretes sustenta-se entre “a transgressão e a opressão dos limites físicos”, explorando a contaminação destrutiva das normas e dos corpos que não servem.

LISBOA Teatro do Bairro Alto
De 3 a 7 de Abril. Quarta e quinta, às 18h30; sábado e domingo, às 17h30.

Bilhetes a 12€

PORTO Palácio do Bolhão
Dias 27 e 28 de Abril, às 15h (integrado no DDD — Festival Dias da Dança).
Bilhetes a 7€

Pensamento

Política de intervenção

Hugo van der Ding a mostrar que *O Que Importa É Participar*. Luta Livre a dar música em formato especial. A tela a dar espaço a histórias reais com *Sapadores da Humanidade*, *A Cor da Liberdade* e *Maghreb's Hope*. E um mapa expositivo que tanto traça o panorama histórico da comunidade LGBT+ em Portugal, como faz uma análise da



PORTO

Teatro Nacional São João
De 5 a 28 de Abril. Quarta, quinta e sábado, às 19h; sexta, às 21h; domingo, às 16h.
Bilhetes de 7,50€ a 16€

Um mural sobre o fado de ser português

Considerado “o grande romance” sobre o 25 de Abril de 1974, *Fado Alexandrino* aponta à História do Portugal recente, mais precisamente ao antes, durante e depois da Revolução dos Cravos. Centra-se em cinco ex-combatentes do Ultramar, que se juntam num jantar e partilham reflexões sobre o país que encontraram quando voltaram da guerra e as vivências que os marcaram até ao presente — “do regime fascista à instauração da democracia, passando pelo horror de África e pelos infernos privados de cada um”, detalha a sinopse. Escrito em 1983 por António Lobo Antunes, e no ano em que se assinala o cinquentenário do Dia da Liberdade, o texto é levado às tábuas pelo encenador Nuno Cardoso, director artístico do Teatro Nacional São João, numa produção apresentada como um “grande mural para interrogar a nossa história”. Depois da estreia no Porto, segue-se a digressão nacional: Lisboa (3 e 4 de Maio), Aveiro (9 de Maio), Braga (24 e 25 de Maio) e Faro (21 de Junho) são as próximas coordenadas no mapa.

abstenção, das mulheres na política portuguesa ou da polarização afectiva e das suas implicações no sistema



democrático. É nestes eixos que sai à rua o Festival Política, apresentado como “o maior evento dedicado aos direitos humanos e cidadania” e, nesta edição, inspirado pelo tema *Intervenção*. Entre performances, cinema, música, humor, exposições e conversas, num total de 18 actividades, a ideia é dar espaço ao diálogo e convidar ao debate, à reflexão e à participação nas comunidades porque, lembra a organização em jeito de repto, “a hora de intervir é agora ou já”.

Depois de Lisboa, a marcha segue para Braga (dias 2 a 4 de Maio, no Centro da Juventude), passando ainda por Loulé (Outubro) e Coimbra (Novembro).

LISBOA Cinema São Jorge
De 3 a 5 de Abril.

Grátis

Cartaz detalhado em www.festivalpolitica.pt

Artes performativas

A resistência de um Y

Desengane-se quem vê nos 24 anos de Ana Lua Caiano apenas uma promessa do talento que há-de vir. Voz da nova tradição musical portuguesa, é como se “tivesse nascido já pronta, já a dar primeiros passos firmes e seguros



sem ter precisado alguma vez de gatinhar”, assim escreveu Gonçalo Frota no PÚBLICO quando a entrevistou. É com essas

certezas, e as notas do novo (e primeiro álbum) *Vou Ficar Neste Quadrado*, que abre a cortina do 20.º Festival Y, que torna a renovar o seu compromisso com a Beira Interior por meio de espectáculos e artes performativas e sempre com o sonho da resistência. Os outros dez momentos que compõem o cartaz desta edição redonda, em sala e ao ar livre, estão nas mãos da harpista Angélica Salvi, do *Simulacro* de Margarida Montený & Carminda Soares, do *Mussequ* de Fábio Jorge Januário, do *Ciclone* de Leonor Cabral, d’*A Casa da Praia* de Anabela Almeida, d’*[O Sistema]* de Cristina Planas Leitão, de *Que Corpo É Este Que Anda por Aí* da Pé de Pano, de *Nancy En Vietnam* da Cia Altraste, da *Romaria* da Réptil e de *Sforzando* de Mafalda Saloio & Filarmónica Recreativa Cortense.

BELMONTE, CASTELO BRANCO, COVILHÃ e PAUL Vários locais
De 4 de Abril a 19 de Junho.

Grátis a 6€

Cartaz detalhado em www.quartaparede.pt/festival-y



Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt

Lisboa

Cinema City Alvalade

Av. de Roma, 100. T. 214221030

O Rapaz e a Garça M12. 11h05; **A Zona de Interesse** M12. 13h05; **Pobres Criaturas** M16. 17h20; **Anatomia de Uma Queda** M12. 16h55; **Folhas Caidas** M12. 13h25; **A Sala de Professores** M12. 19h15; **Dune - Duna: Parte Dois** M12. 21h15; **Priscilla** M14. 15h; **A Flor do Buriti** M12. 19h25; **Shoshana - A Terra Prometida** M12. 21h45; **O Panda do Kung Fu 4** M6. 11h15, 15h20, 17h25 (VP); **Evil Does Not Exist - O Mal Não Está Aqui** 14h50, 21h45; **Os Gigantes de La Mancha** M6. 11h40 (VP); **Máquina Fantástica** M12. 20h; **Uma Vida Singular** M12. 15h10, 17h10, 21h50; **Paloma** 13h10; **Mataram o Pianista** M12. 11h05 (VP); **How to Have Sex - A Primeira Vez** M14. 19h55

Cinema City Campo Pequeno

Centro de Lazer. T. 214221030

O Rapaz e a Garça M12. 19h20; **Patos!** M6. 11h35, 13h40, 15h45 (VP); **Pobres Criaturas** M6. 22h; **Bob Marley: One Love** M12. 19h45; **Dune - Duna: Parte Dois** M12. 17h50, 19h50, 21h35; **O Meu Amigo Ninja 2** M6. 11h40 (VP); **Amigo Imaginário** M14. 13h40; **Culpado - Inocente - Monstro** M12. 18h50; **O Panda do Kung Fu 4** M6. 11h15, 13h30, 15h15, 15h55, 17h20, 19h25, 21h30 (VP); **Arthur Amigo para Sempre** M12. 15h50; **Caça-Fantasmas: O Império do Gelo** M12. 13h, 15h15, 17h30, 19h45; **Godzilla x Kong: O Novo Império** M12. 13h, 15h20, 17h35, 19h, 21h30; **Os Gigantes de La Mancha** M6. 11h20, 13h20, 15h25 (VP); **Uma Vida Singular** M12. 12h50, 15h, 17h10, 21h30; **Anjos na Terra** M12. 17h25, 21h50

Cinema Fernando Lopes

Cp. Grande. T. 217515500

100% Camurça 17h; A Zona de Interesse 19h; **Máquina Fantástica** M12. 15h; **How to Have Sex - A Primeira Vez** M14. 21h15; **Cinema Ideal**
Rua do Loreto, 15/17. T. 210998295
Culpado - Inocente - Monstro M12. 14h45; **A Flor do Buriti** M12. 19h; **Ryuichi Sakamoto - Opus** M12. 17h, 21h15

Cinemas Nos Alvaláxia

R. Francisco Stromp. T. 16996

Oppenheimer M14. 20h50; **A Zona de Interesse** M12. 13h40, 16h10; **Pobres Criaturas** M16. 14h20, 17h20, 20h30; **Anatomia de Uma Queda** M12. 18h15, 21h25; **Vidas Passadas** M12. 13h15, 15h45; **Bob Marley: One Love** M12. 13h15, 15h40, 18h10, 21h50; **Dune - Duna: Parte Dois** M12. 13h30, 17h40, 21h20; **O Panda do Kung Fu 4** M6. 11h, 13h25, 15h55, 18h25 (VP); **A Melodia do Mal** M16. 19h10, 21h30; **Caça-Fantasmas: O Império do Gelo** M12. 13h10, 15h50, 18h20, 21h; **The Bricklayer: Missão Mortal** 19h05; **Godzilla x Kong: O Novo Império** M12. Sala Atmos - 13h20, 16h, 18h30, 21h10; **Imaculada** M16. 14h05, 16h15, 21h15; **Os Gigantes de La Mancha** M6. 11h30, 14h, 16h20 (VP); **Uma Vida Singular** M12. 13h35, 16h05, 18h35, 21h05; **Amor em Sangue** M16. 18h45; **Anjos na Terra** M12. 13h45, 16h25, 21h35; **Godzilla x Kong: O Novo Império** M12. 19h, 21h40

Cinemas Nos Amoreiras

C.C. Amoreiras. Av. Engº Duarte Pacheco. Oppenheimer M14. 20h30; **Pobres Criaturas** M16. 20h40; **Vidas Passadas** M12. 21h10; **Bob Marley: One Love** M12. 20h50; **Dune - Duna: Parte Dois** M12. 13h10, 16h40, 20h20; **O Panda do Kung Fu 4** M6. 10h40, 13h20, 15h40, 18h20 (VP); **Caça-Fantasmas: O Império do Gelo** M12. 13h50, 16h50; **Godzilla x Kong: O Novo Império** M12. 13h30, 16h, 18h40, 21h20; **Os Gigantes de La Mancha** M6. 13h10, 15h30, 18h30 (VP); **Uma Vida Singular** M12. 13h20, 15h50, 18h50, 21h30; **Anjos na Terra** M12. 14h, 17h20

Cinemas Nos Colombo

Av. Lusíada. T. 16996

Bob Marley: One Love M12. 13h20, 16h, 18h40; **Dune - Duna: Parte Dois** M12. 13h, 16h30, 20h, 23h30; **Amigo Imaginário** M14. 20h50, 00h05; **O Panda do Kung Fu 4** M6. 10h30, 12h40, 15h10, 17h30, 19h45 (VP/2D), 11h, 13h30 (VP/3D); **A Melodia do Mal** M16. 22h, 00h30; **Caça-Fantasmas: O Império do Gelo** M12. 15h40, 18h20, 21h, 23h50; **The Bricklayer: Missão Mortal** 13h10, 16h10, 18h50, 21h50, 00h20; **Godzilla x Kong: O Novo Império** M12. 11h10, 14h, 17h, 20h30, 23h10; **Imaculada** M16. 13h50, 16h15, 18h50, 21h10, 23h40; **Os Gigantes de La Mancha** M6. 10h50, 13h15, 15h50, 18h10 (VP); **Uma Vida Singular** M12. 21h40, 00h10; **Dune - Duna: Parte Dois** M12. Sala Imax - 18h; **Godzilla x Kong: O Novo Império** Imax - 12h50, 15h30, 21h30, 24h

Cinemas Nos Vasco da Gama

Parque das Nações. T. 16996

Bob Marley 21h10, 23h50; **Dune - Duna: Parte Dois** M12. 13h40, 17h30, 21h10; **O Panda do Kung Fu 4** M6. 10h50, 13h20, 15h45, 18h15 (VP); **Caça-Fantasmas: O Império do Gelo** Atmos - 23h20; **The Bricklayer** 13h30, 16h10; **Godzilla x Kong: O Novo Império** Atmos - 13h10, 16h, 21h30, 00h15 (2D), 18h45 (3D); **Imaculada** M16. 19h10, 21h40, 24h; **Os Gigantes de La Mancha** M6. 11h, 13h50, 16h20, 18h50 (VP); **Uma Vida Singular** M12. 20h45

Medeia Nimas

Av. 5 Outubro, 42B. T. 213142223

O Acochado 16h; **O Deserto Vermelho** M12. 11h30; **Um Rei em Nova Iorque** M6. 14h; **O Castigo da Justiça** 20h; **Evil Does Not Exist - O Mal Não Está Aqui** 18h; **How to Have Sex - A Primeira Vez** M14. 22h

UCI Cinemas - El Corte Inglés
Av. Ant. Aug. Aguiar, 31. T. 213801400
Oppenheimer M14. 15h30; **Dias Perfeitos** M12. 13h55, 19h05; **A Zona de Interesse** M12. 16h45, 21h30; **Pobres Criaturas** M16. 16h, 21h40; **Anatomia de Uma Queda** M12. 15h45, 18h50; **Vidas Passadas** M12. 16h35, 21h50; **Os Excluídos** M12. 18h40, 21h35; **A Sala de Professores** M12. 14h05, 19h20; **Dune - Duna** 13h30, 16h50, 21h10; **A Última Evasão** M12. 13h35, 22h; **Priscilla** M14. 14h; **A Flor do Buriti** M12. 11h25, 16h25, 19h10; **Shoshana - A Terra Prometida** M12. 13h25; **O Panda do Kung Fu 4** M6. 11h30, 14h, 16h20 (VP); **Arthur Amigo para Sempre** 13h40, 18h45; **Caça-Fantasmas** 16h10, 19h, 21h45; **Godzilla x Kong** 13h50, 16h30, 19h10, 21h45; **Imaculada** M16. 19h30, 22h05; **Ryuichi Sakamoto - Opus** M12. 16h55, 19h25; **Evil Does Not Exist - O Mal Não Está Aqui** 11h10, 16h40, 19h15, 21h40; **Uma Vida Singular** M12. 11h20, 13h45, 16h15, 18h55, 21h20; **A Terra Prometida** M14. 13h20, 18h55; **Obrigado, Rapazes** M14. 14h15, 21h50; **Mataram o Pianista** M12. 14h, 21h55; **Anjos na Terra** M12. 11h, 16h05, 21h15

Almada

Cinemas Nos Almada Fórum

R. Sérgio Malpique 2. T. 16996

Todos Menos Tu M12. 12h30, 14h50, 17h20, 20h; **Bob Marley** 13h20, 16h15 18h50, 21h20; **Dune - Duna** 15h20, 22h10; **Amigo Imaginário** M14. 21h55, 22h20; **O Panda do Kung Fu 4** M6. 10h30, 12h40, 15h10, 17h30, 19h45 (VP/2D), 11h30, 13h50, 16h30 (VP/3D); **A Melodia do Mal** 21h35; **Arthur Amigo para Sempre** M12. 12h45, 20h10; **Caça-Fantasmas Atmos** - 13h10, 16h, 18h40, 21h30; **The Bricklayer** 18h45, 21h15; **Godzilla x Kong** Sala Atmos - 11h, 12h50, 15h30, 18h10, 21h (2D), 19h, 21h50 (3D); **Imaculada** M16. 13h, 15h15, 17h30, 19h40, 22h; **Os Gigantes de La Mancha** M6. 10h50, 13h40, 15h50, 18h (VP); **Uma Vida Singular** M12. 12h55, 15h35, 18h20, 22h40; **Amor em Sangue** M16. 13h45, 16h20; **Anjos na Terra** M12. 13h30, 16h10, 18h50; **Godzilla x Kong: O Novo Império**



Os Gigantes de La Mancha

4DX - 12h20, 15h, 17h40, 20h30

Amadora

Cinema City Alegro Alfragide

C.C. Alegro Alfragide. T. 214221030

Oppenheimer M14. 21h10; **O Rapaz e a Garça** M12. 13h10; **Wish: O Poder dos Desejos** M6. 11h35 (VP); **Patos!** M6. 11h35, 13h40, 17h35 (VP); **Todos Menos Tu** M12. 19h45; **A Zona de Interesse** M12. 19h50; **Pobres Criaturas** M16. 21h55; **Dune - Duna: Parte Dois** M12. 11h15, 15h40, 17h40, 19h30, 21h35; **O Meu Amigo Ninja 2** M6. 11h40, 13h40, 15h40 (VP); **O Panda do Kung Fu 4** M6. 11h15, 13h20, 15h15, 15h50, 17h20, 18h40, 19h25, 21h30 (VP); **Caça-Fantasmas: O Império do Gelo** M12. 13h, 15h15, 17h30, 19h45, 22h; **The Bricklayer: Missão Mortal** 19h30; **Godzilla x Kong: O Novo Império** M12. 13h, 15h20, 17h35, 19h, 21h30; **Imaculada** M16. 15h45, 21h50; **Os Gigantes de La Mancha** M6. 11h20, 13h20, 15h25 (VP); **Uma Vida Singular** M12. 13h, 15h10, 17h20, 21h40; **Anjos na Terra** M12. 13h40, 15h50, 17h25, 19h40, 21h50

UCI Cinemas - Ubbo

Estrada Nacional 249/1, Venteira.

Patos! M6. 10h45, 13h45, 16h05 (VP); **Dune - Duna: Parte Dois** M12. 13h25, 16h55, 21h15; **Amigo Imaginário** M14. 19h20, 21h50; **O Panda do Kung Fu 4** M6. 11h, 13h40, 14h, 16h20, 16h50, 18h40 (VP); **Arthur Amigo para Sempre** M12. 18h50, 21h25; **Caça-Fantasmas: O Império do Gelo** M12. 13h30, 16h25, 18h45, 21h30; **The Bricklayer: Missão Mortal** 13h55, 19h05; **Godzilla x Kong: O Novo Império** M12. 13h50, 16h10, 16h30, 19h10, 21h20, 21h45; **Imaculada** M16. 19h15, 21h35; **Os Gigantes de La Mancha** M6. 11h15, 14h25, 16h40 (VP); **Uma Vida Singular** M12. 16h35, 21h40; **No Way Up - Sem Saída** M16. 13h45, 19h25; **Crew** 21h

Barreiro

Castello Lopes - Fórum Barreiro

Campo das Cordoarias. T. 212069440

Bob Marley: One Love M12. 21h40; **Demon Slayer: Kimetsu No Yaiba - To the Hashira Training** M14. 12h05; **Dune - Duna: Parte Dois** M12. 14h15, 17h30, 20h45; **O Panda do Kung Fu 4** M6. 10h55, 15h10, 17h20, 19h30 (VP); **Caça-Fantasmas: O Império do Gelo** M12. 11h50, 14h15, 16h40, 19h05, 21h30; **Godzilla x Kong: O Novo Império** M12. 14h20, 16h45, 19h10, 21h35; **Os Gigantes de La Mancha** M6. 11h10, 13h10 (VP)

Cascais

Cinemas Nos CascaisShopping

Estrada Nacional nº. 7 - Alcabideche.

Bob Marley: One Love M12. 20h15, 23h; **Dune - Duna: Parte Dois** M12. 14h15, 17h40, 21h15; **O Panda do Kung Fu 4** M6. 11h, 13h, 15h30, 17h50 (VP/2D), 11h30, 14h30, 16h45 (VP/3D); **Caça-Fantasmas: O Império**

do Gelo M12. 12h25, 15h, 17h30, 20h, 22h45; **The Bricklayer** 19h15, 22h; **Godzilla x Kong: O Novo Império** M12. 13h15, 16h, 18h45, 21h45; **Godzilla x Kong: O Novo Império** M12. Sala Imax - 13h15, 17h15, 21h; **Imaculada** M16. 14h, 16h30, 19h, 22h15; **Os Gigantes de La Mancha** M6. 11h15, 13h30, 15h45, 18h15 (VP); **Uma Vida Singular** M12. 20h30, 23h10

Carcavelos

Atlântida-Cine

CC. Carcavelos. T. 214565653

A Zona de Interesse M12. 15h, 17h45; **Uma Vida Singular** M12. 15h, 17h45

Sintra

Castello Lopes - Alegro Sintra

Alegro Sintra, Alto do Forte. T. 219184352
Escola de Coelhos M3. 11h, 13h10, 15h05 (VP); **Wonka** 11h40 (VP); **Inseparáveis** M6. 11h15 (VP); **Patos!** M6. 11h05 (VP); **Bob Marley: One Love** M12. 14h45, 17h, 19h15, 21h30; **Demon Slayer: Kimetsu No Yaiba - To the Hashira Training** M14. 12h; **Dune - Duna: Parte Dois** M12. 14h15, 17h30, 20h45; **Amigo Imaginário** M14. 18h45, 21h; **O Panda do Kung Fu 4** M6. 10h55, 13h10, 15h25, 17h40, 21h; **Arthur Amigo para Sempre** M12. 17h, 19h15, 21h30; **Caça-Fantasmas: O Império do Gelo** M12. 14h15, 16h40, 19h05, 21h30; **Godzilla x Kong: O Novo Império** M12. 14h20, 16h45, 19h10, 21h35; **Os Gigantes de La Mancha** M6. 11h10, 14h35, 16h40 (VP)

Leiria

Cinema City Leiria

Ponte das Mestras. T. 244845071

Wish: O Poder dos Desejos M6. 11h15; **Patos!** M6. 11h10, 13h15, 15h20 (VP); **Bob Marley: One Love** M12. 17h40; **Uma Aventura no Expresso Cattle Hill** M6. 11h15, 13h (VP); **Dune - Duna: Parte Dois** M12. 11h30, 15h35, 17h55, 21h25; **O Panda do Kung Fu 4** M6. 11h20, 13h45, 15h20, 15h50, 17h25, 19h30, 21h35 (VP); **Arthur Amigo para Sempre** M12. 15h20, 21h50; **Caça-Fantasmas: O Império do Gelo** M12. 17h30, 19h45, 22h; **Godzilla x Kong: O Novo Império** M12. 13h25, 15h40, 17h25, 19h, 21h30; **Imaculada** M16. 13h20, 15h45, 19h50, 21h45; **Os Gigantes de La Mancha** M6. 11h30, 13h30, 15h30 (VP); **Uma Vida Singular** M12. 19h40; **Anjos na Terra** M12. 19h10, 21h40

Cineplace - Leiria Shopping

C.C. Leiria Shopping. T. 244826516

Bob Marley: One Love M12. 14h40; **O Quebra-Nozes e a Flauta Mágica** M6. 13h (VP); **Dune - Duna: Parte Dois** M12. 21h30; **O Meu Amigo Ninja 2** M6. 13h, 15h (VP); **O Panda do Kung Fu 4** M6. 13h, 15h, 17h10, 19h20 (VP); **Arthur Amigo para Sempre** M12. 17h, 19h20; **Caça-Fantasmas:**

O Império do Gelo M12. 13h30, 16h10, 18h50, 21h30; **The Bricklayer: Missão Mortal** 19h30; **Godzilla x Kong: O Novo Império** M12. 14h, 16h30, 17h, 19h30, 21h30, 22h (2D), 19h (3D); **Imaculada** M16. 15h, 21h40; **Os Gigantes de La Mancha** M6. 13h20, 15h20, 17h20 (VP); **Uma Vida Singular** M12. 19h20, 21h40; **Anjos na Terra** M12. 17h, 21h50

Loures

Cineplace - Loures Shopping

Quinta do Infantado, Loja A003.

Inseparáveis M6. 14h50 (VP); **Dune - Duna: Parte Dois** M12. 21h30; **O Meu Amigo Ninja 2** M6. 14h20 (VP); **O Panda do Kung Fu 4** M6. 13h, 15h, 17h10, 19h20 (VP); **A Melodia do Mal** M16. 15h; **Arthur Amigo para Sempre** M12. 16h50; **Caça-Fantasmas: O Império do Gelo** M12. 16h20, 19h, 21h40; **The Bricklayer: Missão Mortal** 17h; **Godzilla x Kong: O Novo Império** M12. 14h10, 16h40, 19h10, 21h40; **Imaculada** M16. 19h30, 21h30; **Os Gigantes de La Mancha** M6. 13h30, 15h30, 17h30 (VP); **Uma Vida Singular** M12. 19h20, 21h40; **Anjos na Terra** M12. 19h10, 21h40

Odivelas

Cinemas Nos Odivelas Strada

Estr. da Paiã. T. 707 CINEMA

Dune - Duna: Parte Dois M12. 13h40, 17h30, 21h; **O Panda do Kung Fu 4** M6. 10h50, 13h20, 15h40, 18h25 (VP); **Caça-Fantasmas: O Império do Gelo** M12. 21h15; **Godzilla x Kong: O Novo Império** M12. 13h10, 16h, 18h45, 21h30; **Imaculada** M16. 15h, 18h, 20h40; **No Way Up - Sem Saída** M16. 20h20; **Anjos na Terra** M12. 14h, 17h

Oeiras

Cinemas Nos Oeiras Parque

C. C. Oeirashopping. T. 16996

Patos! M6. 11h15 (VP); **Bob Marley: One Love** M12. 21h10; **Dune - Duna: Parte Dois** M12. 13h30, 17h10, 21h; **O Panda do Kung Fu 4** M6. 11h, 13h, 15h30, 18h10 (VP); **Arthur Amigo para Sempre** M12. 20h30; **Caça-Fantasmas: O Império do Gelo** M12. 13h40, 16h15, 19h, 21h45; **Godzilla x Kong: O Novo Império** M12. 13h10, 16h, 18h45, 21h30 (2D), 20h45 (3D); **Uma Vida Singular** M12. 13h20, 15h45, 18h30; **Anjos na Terra** M12. 14h30, 17h30

Torres Novas

Castello Lopes - TorreShopping

Bairro Nicho - Ponte Nova. T. 249830752

Dune - Duna: Parte Dois M12. 16h45, 20h; **O Meu Amigo Ninja 2** M6. 11h10 (VP); **O Panda do Kung Fu 4** M6. 10h55, 13h10, 15h25, 17h40 (VP); **Caça-Fantasmas: O Império do Gelo** M12. 21h30; **Godzilla x Kong: O Novo Império** M12. 14h20, 16h45, 19h10, 21h35; **Os Gigantes de La Mancha** M6. 11h15, 14h40 (VP)

Santarém

Castello Lopes - Santarém

Largo Cândido dos Reis. T. 243309340

Escola de Co

Dia de ficar

CINEMA

Marley e Eu (VO) Panda Kids, 13h30

Jenny (Jennifer Aniston) e John (Owen Wilson) acabaram de casar e decidem abandonar os Invernos rigorosos do Michigan e partir para o sol da Florida. Enquanto Jenny sonha com o primeiro filho, John ainda não está preparado para crianças e por isso, seguindo o conselho de um colega, resolve oferecer um cão à mulher. É assim que Marley, um bonito labrador amarelo, entra nas suas vidas. Marley não demora a transformar a vida dos dois num caos, já que nada consegue fugir à sua voracidade. Mas ao ritmo dos anos e das catástrofes, Marley será testemunha das escolhas de carreira, dúvidas e mudanças de Jenny e John. E, mesmo sendo Marley o pior cão do mundo, é um tornado de energia que vai ensinar-lhes uma lição.

Pôr do Sol — O Mistério do Colar de São Cajó RTP1, 16h

Depois do sucesso da série *Pôr do Sol*, no ano passado surgiu uma longa-metragem, onde é explicada a origem “da família Bourbon de Linhaça e do seu bem mais valioso: o Colar de São Cajó”, que, supostamente, “está na família há mais de 3500 anos e esconde segredos, maldições e uma lendária receita de bacalhau”. Realizado por Manuel Pureza.

Amarcord

RTP Memória, 21h02

Entre a fantasia e a realidade, Federico Fellini assinou em 1973 esta viagem pelas suas recordações de infância nos anos 1930, tempos em que a Itália era dominada por Mussolini e a Segunda Grande Guerra estava perto. Há um sem-fim de personagens estranhas, fellinianas, como se costuma dizer, entre padres pretensiosos, professores temíveis e tudo o mais.

O Estranho Caso de Angélica AXN Movies, 21h10

Em noite de tempestade, Isaac (Ricardo Trepa), um jovem fotógrafo e inquilino de uma modesta pensão na Régua, é chamado de urgência para fotografar Angélica (Pilar López de Ayala), uma jovem de famílias abastadas que morreu no próprio dia do seu casamento. Foi a penúltima obra de Manoel de Oliveira, baseada num argumento escrito em 1952. Passou em Cannes em 2010.

Televisão

Os mais vistos da TV

Sexta-feira, 29

	%	Aud.	Share
Jornal da Noite	SIC	8,5	16,8
Cacau	TVI	8,1	16,5
Big Brother – Especial	TVI	8,0	15,7
Primeiro Jornal	SIC	8,0	23,1
O Preço Certo	RTP1	7,3	15,5

FONTE: CAEM

RTP1 9,0%

RTP2 10,7

SIC 12,6

TVI 13,0

Cabo 43,5

RTP1

6.00 Espaço Zig Zag **8.00** Bom Dia Portugal Fim de Semana **8.55** Missa de Domingo de Páscoa **11.00** Bênção Urbi et Orbi **11.27** Romaria do Meu Coração **12.31** Entre o Mar e a Terra **12.59** Jornal da Tarde **14.23** André Rieu - Rosas do Sul **16.00** Pôr do Sol - O Mistério do Colar de São Cajó

18.10 Futebol: Taça de Portugal Feminina - Benfica x Sporting

20.10 Telejornal

21.24 Got Talent Portugal

0.52 O Maior Espião do Mundo



2.26 Eurodeputados **2.56** A Essência

SIC

6.30 Cinema Encantado: Aladino e o Tapete Mágico **7.55** Uma Aventura na Páscoa **8.55** Casa Feliz **12.10** Vida Selvagem: Great Barrier Reef: A Living Treasure **12.59** Primeiro Jornal **14.15** A Bíblia

18.00 Grande Cinema: A Ressureição

19.57 Jornal da Noite

21.50 Festival Internacional do Circo de Monte Carlo **0.30** Era Uma Vez na Quinta **3.15** Levanta-te e Ri

3.55 Grande Cinema: Spider-Man: Far From Home



RTP2

5.58 Biosfera **6.28** Faça Chuva Faça Sol **7.00** Folha de Sala **7.04** História dos Gatos **7.58** Espaço Zig Zag **14.55** Folha de Sala **15.03** Desporto 2 **17.02** Caminhos **17.30** 70x7 **17.57** Rios Urbanos **18.34** Temos Programa **19.04** As Rotas Secretas das Aves Migratórias **19.59** Daniel Faria: O Silêncio e a Palavra **21.02** Folha de Sala **21.07** Atrasos de Vida

21.30 Jornal 2

22.01 Espectacular



22.51 Folha de Sala **23.00** Aldina Duarte: Metade-Metade **23.42** Hermeto Pascoal & Grupo **1.28** Cinemax **2.27** Portugal 3.0 **3.28** Músicas d'África **4.26** Nha Terra Nha Cretcheu **5.28** Rios Urbanos

TVI

6.18 Diário da Manhã **6.32** As Aventuras do Gato das Botas **7.54** Ilhas - Os Segredos da Natureza

9.00 Missa

11.41 Mesa Nacional

12.13 Conta-me

12.58 TVI Jornal

14.20 Somos Portugal

19.57 Jornal Nacional

21.30 Big Brother

1.49 O Beijo do Escorpião

TVCINETOP

18.12 5000 Blankets **19.42** Are You There, God? It's Me, Margaret **21.30** Jesus Revolution **23.30** Bones of Crows **1.41** Quem Sai Aos Seus

STAR MOVIES

17.58 Força Destruidora **21.15** Van Damme - Duplo Impacto **23.06** Van Damme - Implacável **0.38** Cyborg **1.59** Duro Como Aço

HOLLYWOOD

17.48 Astérix nos Jogos Olímpicos **19.50** The Call of the Wild **21.30** O Esquadrão Suicida (2021) **23.42** Predador **1.32** Morrer de Novo em Tombstone

AXN

17.55 Ressureição **19.47** The Equalizer 2 - A Vingança **21.55** Assalto ao Metro 123 **23.45** MiB: Homens de Negro - Força Internacional **1.36** The Equalizer - Sem Misericórdia

STAR CHANNEL

18.40 Capitão América: Guerra Civil **21.20** Capitão Marvel **23.44** A Branca de Neve e o Caçador **1.50** O Caçador e a Rainha do Gelo

DISNEY CHANNEL

17.05 Hamster & Gretel **17.50** A Maldição de Molly McGee **19.00** Os Green na Cidade Grande **20.05** Miraculous - As Aventuras de Ladybug

DISCOVERY

17.20 Na Rota do Ouro com Parker Schnabel **18.15** Aventura à Flor da Pele **20.05** O Segredo das Coisas **21.00** A Febre do Ouro: Salvando a Mina **22.50** A Febre do Ouro: Minas Perdidas

HISTÓRIA

16.30 O Preço da História **20.04** Mistérios na Selva

ODISSEIA

16.57 A Aventura dos Elefantes **18.42** Mortos de Tanto Rir! **19.33** Mundo à Vista **20.10** Caçadores de Lagostas **21.42** Clima Letal **22.34** O Fim do Mundo **23.26** O Universo **0.57** Clima Letal

SÉRIES

Os Simpsons

Star Comedy, 16h37

Em Outubro do ano passado, estreou-se, nos Estados Unidos a 35.ª temporada desta série animada. Agora, o Star Comedy faz uma maratona dos seis primeiros episódios. Têm vozes convidadas de gente como Kerry Washington, Dick Van Dyke, Elizabeth Banks, Christiane Amanpour ou Peter Jackson.

Family Guy

Star Comedy, 18h53

Os seis primeiros episódios da 22.ª temporada de *Family Guy*, que arrancou lá fora em Outubro, são alvo de uma maratona.

DOCUMENTÁRIO

Daniel Faria — O Silêncio e a Palavra

RTP2, 19h59

Marlene Maia assinou este documentário sobre Daniel Faria (1971-1999), o poeta de Baltar, Paredes. Teve estreia em 2021, ano em que Faria teria feito 50 anos.

MÚSICA

Aldina Duarte: Metade-Metade

RTP2, 23h

Saída a 22 deste mês, *Metade-Metade*, da fadista Aldina Duarte, tem letras da *rapper* Capicua. Este especial mostra um pouco do que o disco é.

Hermeto Pascoal & Grupo

RTP2, 23h42

Em Junho de 2022, o lendário compositor e músico brasileiro Hermeto Pascoal actuou no CCB com o seu grupo. O concerto ficou registado em vídeo e passa agora na RTP2.

INFANTIL

Os Thundermans Regressam

Nickelodeon, 11h

De 2013 a 2018, a *sitcom* *Os Thundermans* seguiu o dia-a-dia de uma família de super-heróis a viverem na cidade de Hiddenville. Este ano, a história continua num filme de Trevor Kirschner.

DESPORTO

Futebol: Benfica x Sporting

RTP1, 18h10

Jogo da Taça de Portugal de futebol feminino. A segunda mão decorre a 21 de Abril.



Jogue também online.
Palavras-cruzadas,
bridge e sudoku em
www.publico.pt/jogos

Totoloto

3 12 24 31 48 5

1.º Prémio 9.100.000€

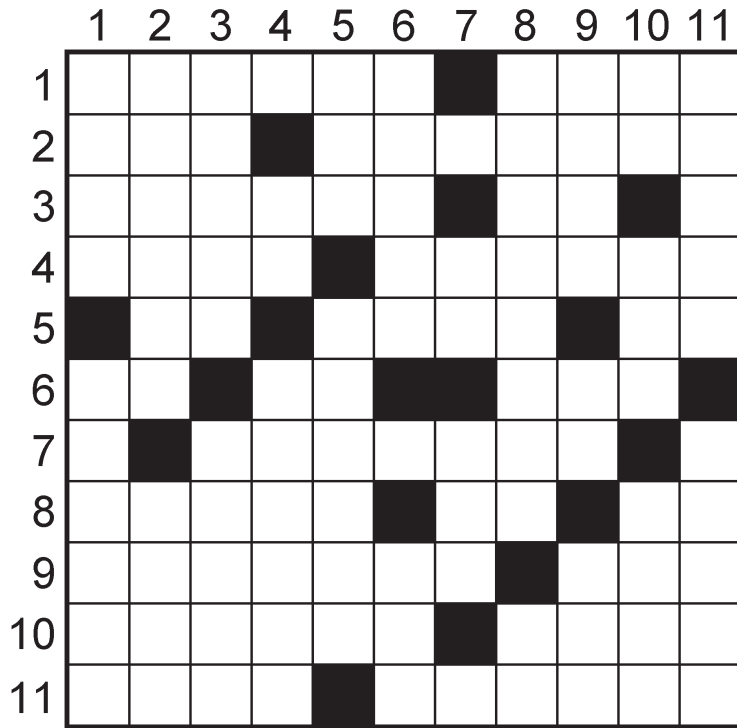
Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Jogos

CRUZADAS 12.386

HORIZONTAIS: 1- Onde a nossa espécie surgiu há mais de 300 mil anos. Estrado em que se coloca o fêretro. **2-** Traulito. Raro. **3-** Vaso para líquidos, com uma asa lateral. A ti. **4-** Abandonar. María (...). Machado, foi eleita como candidata da oposição, na Venezuela, mas está impedida de concorrer a cargos públicos. **5-** Canadá (Internet). Ave de migração, columbina. Artigo antigo. **6-** Cobalto (s. q.). Parlamento Europeu. Duetto. **7-** Multou concessionária do estacionamento na cidade e impõe alteração do contrato. **8-** Posse exclusiva. Eles. Terceira nota musical. **9-** Sossego de espírito. Estados Unidos da América. **10-** Lavrar. Comissão Nacional de Protecção de Dados. **11-** Correia dupla que sustenta o estribo. Sirena.

VERTICAIS: 1- O touro sagrado da mitologia egípcia. Plantação de cafeeiros. **2-** Pedaço (de pão, Alentejo). Moeda europeia. **3-** Brígão. Ajustar uma peça noutra, servindo-se da suta. **4-** Pátria de Abraão. "Benefício oferecido vale mais do que (...)". **5-** Prefixo (aquém de). Recuperação da Economia. **6-** Cabrito de um ano (pop.). Imposto sobre o rendimento das pessoas singulares. **7-** Sufixo nominal que traduz a ideia de semelhança ou origem. Benéfica. **8-** Nunca houve tantos carros nelas. Crómio (s. q.). **9-** Transpirei. Rio português que passa por São João da Madeira. Nome da letra N. **10-** Sociedade Anónima. Prefixo (novo). Mobilário Urbano Para Informação. **11-** Plantação de alhos. Chalaça (pop.).



Solução do problema anterior:
HORIZONTAIS: 1- Lisboa. Mear. **2-** Proa. Biltre. **3-** Aclara. Nem. **4-** Francisca. **5-** ET. **6-** Ripal. Acama. **7-** Siar. Chade. **8-** OIT. Se. Ui. **9-** Ruiva. Avo. **10-** Apostadores. **11-** Caderno. Re.
VERTICAIS: 1- LP. Farsola. **2-** Irar. III. PC. **3-** Soca. Patroa. **4-** Balnear. USD. **5-** AC. Site. **6-** Abril. Cevar. **7-** las. Ah. ADN. **8-** MI. Cacau. Oo. **9-** Etna. Adiar. **10-** Are. Eme. Ver. **11-** Remata. Pose.

SUDOKU

3	1				7	2	8	5
	5	7					9	
	6			8			3	
5			1				6	
	9						4	
	7			8				2
	8			6			2	
	3					1	7	
9	4	1	3				5	6

Problema 12.538
Dificuldade: Fácil

Solução do problema 12.536

6	4	3	8	2	1	9	5	7
9	1	8	7	5	6	2	4	3
2	7	5	3	4	9	1	8	6
4	8	1	5	9	3	7	6	2
3	6	2	4	1	7	5	9	8
5	9	7	2	6	8	4	3	1
1	3	4	6	7	5	8	2	9
7	5	6	9	8	2	3	1	4
8	2	9	1	3	4	6	7	5

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

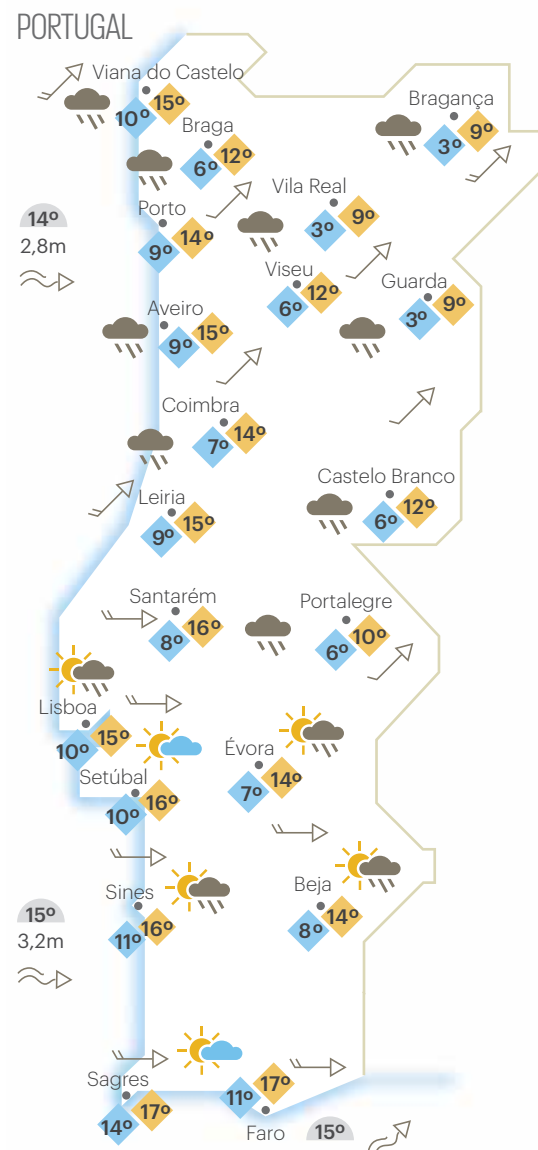
Solução do problema 12.537

9	1	4	5	8	7	6	2	3
7	2	8	3	6	9	1	5	4
5	6	3	1	4	2	7	9	8
8	9	7	4	1	5	2	3	6
1	5	6	7	2	3	8	4	9
4	3	2	8	9	6	5	1	7
3	4	1	2	7	8	9	6	5
2	8	9	6	5	4	3	7	1
6	7	5	9	3	1	4	8	2

Problema 12.539
Dificuldade: Muito difícil

	3		6		5			
			7					2
2				9				
	8	4		5				7
	1						8	
9			1	6	3			
			8					1
5			2					
		9		3		4		

TEMPO PARA HOJE



PRÓXIMOS DIAS LISBOA

Segunda-feira, 1 12° 17° Índice UV Médio Vento Fraco Humidade 67%	Terça-feira, 2 12° 16° Índice UV Baixo Vento Moderado Humidade 89%
Quarta-feira, 3 13° 20° Índice UV Médio Vento Fraco Humidade 84%	Quinta-feira, 4 13° 19° Índice UV Médio Vento Fraco Humidade 81%

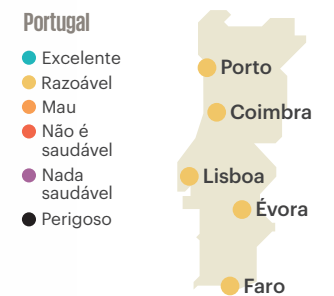
MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai
Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 24 Mar.	425,04
Há um ano	421,50
Há dez anos	400,49
Semana de 17 Mar.	425,37

Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

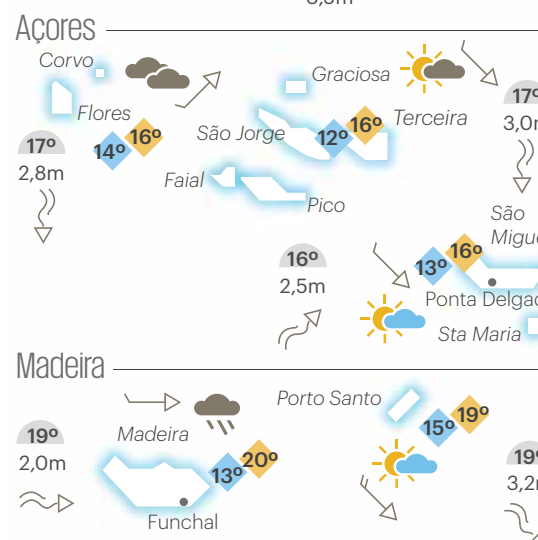
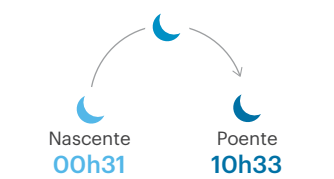


SOL



LUA

Minguante	02 Abr.	3h15
Nova	08 Abr.	18h21
Crescente	15 Abr.	21h14
Cheia	23 Abr.	23h49



MARÉS

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
07h07	2,8	06h45	2,8	06h49	2,8
13h09	1,2	12h44	1,3	12h39	1,2
19h31	2,8	19h09	2,9	19h11	2,8
01h44*	1,2	01h21*	1,4	01h15*	1,3

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; NOAA-ESRL

Estar bem

A adolescência é reconhecida como um período em que ocorrem mudanças físicas, emocionais, cognitivas e sociais. É também neste período de vida que o adolescente se depara com uma das tarefas mais importantes do seu desenvolvimento: a necessidade de reajustar a relação com os pais. A ligação antes estabelecida de maior dependência e procura de proteção transita para a maior necessidade de autonomia, concretizada, por exemplo no desejo de passar mais tempo com os amigos, de tomar decisões sozinho e de valorização das suas capacidades, agora mais desenvolvidas, para sentir, pensar e agir.

A qualidade da relação precoce que os pais estabelecem com os filhos, através de experiências de afeto, de procura de proximidade, de atenção às suas necessidades e de fornecimento de segurança, organiza-se num sistema de vinculação cujas funções principais são a proteção e a regulação emocional da criança. Estas interações têm uma forte influência na trajetória de desenvolvimento da criança, contribuindo, de forma marcada, para o ajustamento psicológico desde a infância até à idade adulta e para a qualidade dos relacionamentos com outros significativos, incluindo amorosos, de amizade e, inclusive, na parentalidade.

A partir da experiência com as figuras de vinculação, as crianças vão construir guias internos para interpretar as situações e para se orientarem ao nível dos comportamentos a adotar.

A formação e a manutenção da vinculação segura, por exemplo, vão traduzir-se em segurança em si e nos outros, em flexibilidade, num equilíbrio entre a autonomia e a dependência e no sentimento de confiança de que as suas relações permanecerão intactas mesmo quando vão explorar o meio. Este tipo de relação é um fator de proteção no desenvolvimento de perturbações psiquiátricas.

Em contraste, a vinculação insegura é geralmente marcada por baixos níveis de envolvimento e confiança da criança nas interações e em atitudes que tendem a dificultar a autonomia na adolescência. Enquanto a vinculação segura favorece a resolução do desacordo, tão importante na adolescência, a díade insegura tende a vivê-lo como uma ameaça à relação, criando tensão, afastamento, menos controlo emocional, além de uma tendência a sentirem-se menos compreendidos.

Durante a adolescência, as relações com os pares tornam-se centrais, sendo os amigos considerados a principal fonte de intimidade e de apoio socioemocional. No entan-



TATYANA KOSINSKAYA/GETTY IMAGES

Adolescência, um novo tempo entre pais e filhos

Embora a adolescência seja um período sensível, não tem de significar, inevitavelmente, que se trate de um momento de instabilidade constante entre o jovem e a família

Vera Ramalho

Aproveite o fim da tarde e o jantar para criar momentos de família e promover proximidade, fortalecer a comunicação, a transmissão de valores e a partilha

to, os pais devem ter consciência de que, apesar de verem diminuídos os comportamentos de vinculação próprios da infância nos seus filhos, não perdem total importância, podendo permanecer como uma fonte de suporte a quem os jovens recorrem em momentos de stress, embora com menos frequência.

Atendendo ao facto de que a maior parte dos adolescentes mantêm relações saudáveis com a sua família, importa compreender o afastamento emocional do jovem, tal como a maior necessidade de privacidade e a redução do tempo que passa com os pais, como integrados numa função desenvolvimental de preparação para a vida adulta. Tudo isto com uma ressalva relativamente à frequência e intensidade dos comportamentos, não sendo tolerado, por exemplo, que o jovem deixe de participar nos convívios em família.

Para alguns adultos, as transformações do jovem podem ser dolorosas e causar incompreensão e conflito na relação, mas importa realçar que a procura de autonomia face aos pais contribui para o aumento da individualização e da autoconfiança, o que mobiliza a aprendizagem para cuidar de si, resolver problemas e lidar com situações exigentes.

Assim, embora a adolescência seja um período sensível, não tem de significar, inevitavelmente, que se trate de um momento de instabilidade constante entre o jovem e

a família, sendo fundamental um esforço dos pais para atender às necessidades e reduzir as fragilidades do filho, sem se tornarem permissivos.

Sendo certo que a qualidade da relação segura entre pais e filhos permite que haja uma comunicação clara, expectativas positivas, confiança mútua, expressão de afetos e comportamentos de proximidade, não significa que pais que não estabeleceram este tipo de relação com os filhos não sejam capazes de a desenvolver nesta fase. As crescentes capacidades cognitivas emergentes na adolescência podem promover uma revisão da relação do adolescente com os pais, que permite a resolução de dificuldades na vinculação, além do reajuste dos comportamentos de proximidade e de autonomia, em função dos interesses e necessidades de ambos. Deste modo, novas experiências relacionais entre pais e filhos podem promover a transformação da relação, através de um envolvimento emocional genuíno, além de mudanças no contexto familiar e social que favoreçam a segurança e a proximidade.

Algumas atitudes e comportamentos podem ajudar os pais a melhorar a relação com o adolescente. Eis alguns exemplos:

1. dedique tempo de qualidade para estar com o seu filho e nunca perca de vista o diálogo e a negociação, sem cobrança ou crítica. A proximidade promove a cooperação;

2. perante um problema, escute o seu filho e envolva-o na resolução, evitando tornar-se radical;

3. um adolescente cuja relação com os pais é pautada por tensão e afastamento pode sentir-se mais frustrado numa situação de conflito, pois espera não ser compreendido pela figura parental;

4. aproveite o fim da tarde e o jantar para criar momentos de família e promover proximidade, fortalecer a comunicação, a transmissão de valores e a partilha;

5. mesmo que não compreenda o motivo das alterações emocionais do seu filho, evite julgá-lo ou dizer que ele não tem motivos para estar assim;

6. facilite a interação do adolescente com os seus pares e procure conhecê-los sem ser intrusivo;

7. promova os esforços de autonomia do adolescente, considerando o ponto de vista e os sentimentos dele;

8. não subestime o que o seu filho está a sentir e, se considerar que ele está a sofrer, procure os cuidados adequados junto de serviços de saúde mental.

Psicóloga clínica

O ilustrador que celebrizou o elefante Babar

O escritor e ilustrador francês morreu depois de um AVC. Apesar do sucesso, Babar foi uma personagem controversa, considerada por muitos uma alegoria do colonialismo

Mariana Duarte

Laurent de Brunhoff, escritor e ilustrador francês dos célebres livros infantis *Babar*, *O Rei dos Elefantes*, morreu no dia 22 de Março na sua casa na Florida, Estados Unidos, na sequência de um acidente vascular cerebral (AVC). Tinha 98 anos. A sua mulher, Phyllis Rose, informou que o artista estava sob cuidados paliativos há duas semanas.

Laurent de Brunhoff deu continuidade à personagem criada em 1930 pelos seus pais, Jean e Cécile de Brunhoff – o pai era ilustrador e pintor, a mãe pianista. Babar nasceu numa noite em que Cécile inventou uma história para ajudar a adormecer os filhos, contando-lhes a aventura de um elefante que foge para a cidade após a mãe ter sido morta por um caçador.

Em Paris, Babar é acolhido por uma mulher rica, denominada como “Velha Senhora”, que o introduziu aos luxos da vida moderna burguesa. Compra um fato verde e um carro, toma banhos de imersão, recebe lições de aritmética e outras disciplinas. Quando regressa à selva, os restantes elefantes, impressionados com a modernidade e a educação de Babar, decidem coroá-lo rei.

“E eu e o meu irmão adorámos a história. Fomos ao estúdio do meu pai e contámos-lhe. Ele começou a fazer um livro para nós. Depois do primeiro livro, fez outro e mais outro. E acho que se descobriu a si próprio”, contou Laurent de Brunhoff numa entrevista à CNN, em 2003. Em 1931, a editora Le Jardin des Modes publica o livro *A História de Babar, o Pequeno*

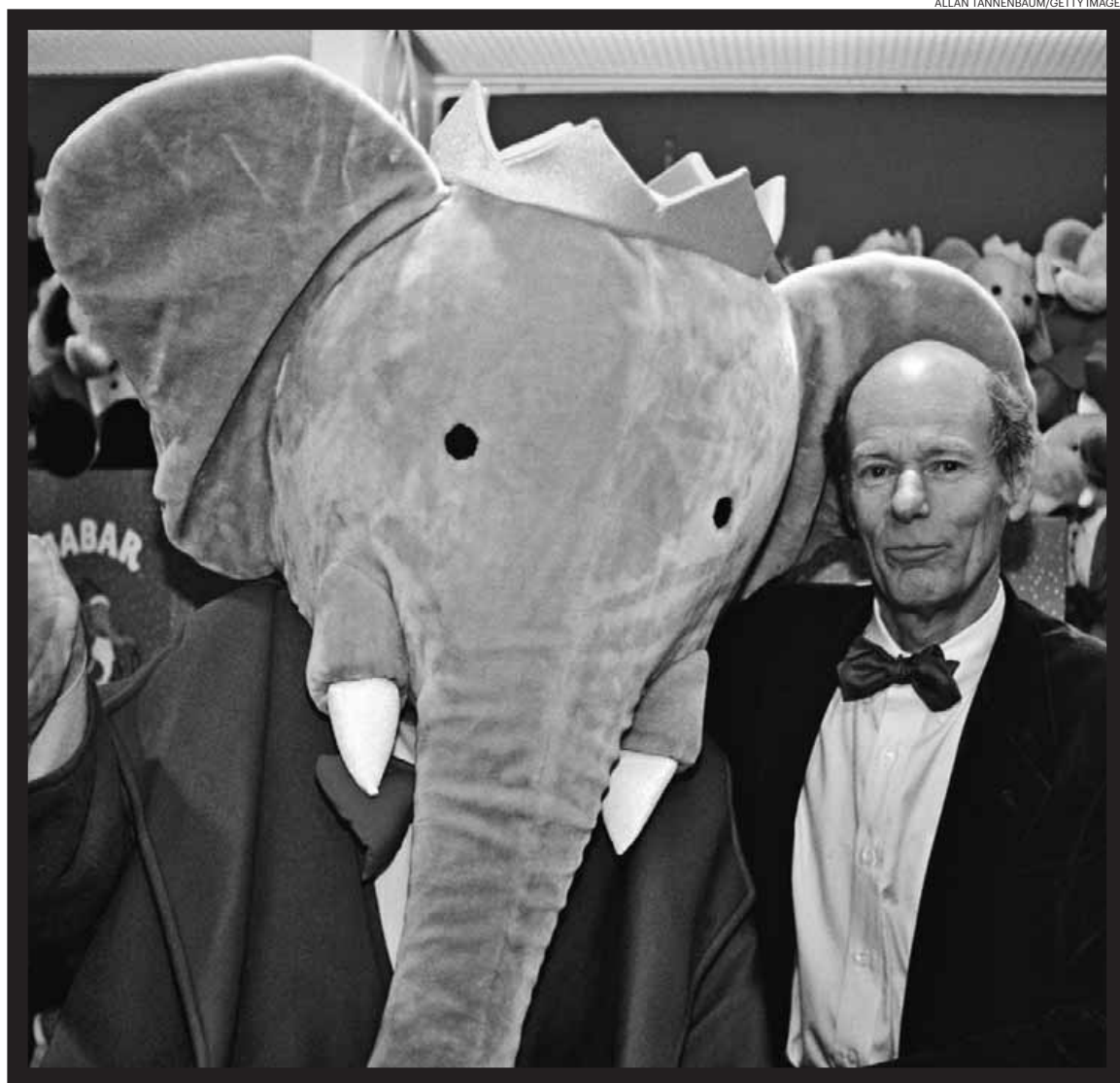
Elefante. Foi o início daquilo que se viria a tornar um império de livros, filmes de animação, séries de televisão, jogos, roupa e *snacks* inspirados na personagem infantil.

Jean de Brunhoff morreu de tuberculose em 1937, quando Laurent tinha apenas 12 anos. Aos 21, o artista resgatou a criação do pai e fez dela protagonista de dezenas de livros, introduzindo novas personagens e histórias. Tornou-se um fenómeno global. Entre os fãs de Babar encontravam-se o general e político francês Charles de Gaulle (1890-1970) e o americano Maurice Sendak (1928-2012), considerado um dos mais importantes escritores e ilustradores de livros para crianças do século XX, autor de *Onde Vivem os Monstros*.

Com Laurent de Brunhoff, Babar viajava pelo mundo com a sua família, aprendia a cozinhar, praticava ioga, conhecia extraterrestres. O primeiro livro de Laurent foi *O Primo de Babar: o Patife Artur*, publicado em 1946, e o último, *Guia de Paris por Babar*, saiu em 2017.

Apesar do sucesso, Babar foi uma personagem controversa. Para a romancista Alison Lurie, vencedora do Prémio Pulitzer em 1985, a personagem representa “os valores da burguesia francesa próspera, instruída e cultivada”.

Laurent de Brunhoff foi também acusado, várias vezes, de promover uma alegoria do colonialismo francês e uma visão distorcida da história. Por seu lado, na década de 1980, o autor chileno Ariel Dorfman afirmou que a história de Babar representa



Laurent de Brunhoff 1925-1924 Escritor e ilustrador

a “concretização do sonho colonial dos países dominantes”.

“Babar leva o progresso para a selva sem perturbar o equilíbrio ecológico, porque Jean de Brunhoff omite toda a pilhagem, racismo, subdesenvolvimento e miséria da relação entre os dois mundos”, escreveu Dorfman no livro *The Empire's Old Clothes: What the Lone Ranger, Babar, and Other Innocent Heroes Do to Our Minds*. Já o sociólogo Herbert Kohl escreveu o ensaio *Deveremos Queimar o Babar?*, em que argumentava que o reino do elefante era dominado pelo racismo, pelo sexismo e pelo elitismo.

Segundo o jornal americano *The New York Times*, duas das primeiras obras da série “foram particularmente ofensivas”: *As Viagens de Babar* (1934), de Jean de Brunhoff, e *O Piquenique de Babar* (1949), de Laurent de Brunhoff, nas quais se caricaturava pessoas africanas como “selvagens”.

No final de 1960, quando a escritora afro-americana Toni Morrison – na altura uma jovem editora na Random House, que publicava as histórias de Babar – se posicionou contra as imagens e

as narrativas racistas de *O Piquenique de Babar*, Laurent de Brunhoff “certificou-se que as eliminaria”, recorda o *The New York Times*.

Se houve alturas em que o autor francês afirmou ser “ridículo insistir que Babar representa o mundo colonial”, pois algumas das suas histórias foram escritas “num contexto em que a França era uma potência colonial”, em 2014, segundo a CNN, o autor pareceu a aceitar a ideia de que a série perpetuava mitos sobre a colonização francesa.

“É um pouco embaraçoso ver Babar a lutar com pessoas negras em África”, disse numa entrevista à revista *National Geographic*. “O meu segundo livro, *O Piquenique de Babar*, também foi inspirado no desenho do meu pai. Alguns anos mais tarde, senti-me envergonhado com este livro e pedi à editora para o retirar.”

Com a morte de Laurent de Brunhoff, Babar desaparecerá, muito provavelmente, com o seu autor. O próprio já o havia admitido. “Babar irá morrer comigo a não ser que o meu filho queira continuar a aventura. E ele sempre me disse que não.”

Crónica

Votar é tão bom que devíamos fazê-lo todos os dias

De todos os conceitos que exercem um fascínio irresistível sobre a maioria das crianças (dinossauros, escadas rolantes, magia), há um mais abstracto cujo apelo parece ser universal. Costuma manifestar-se como uma extensão natural de outros fascínios – com tamanhos, com escalas – e do também natural hábito de perguntar o que vem, ou acontece, a seguir. E se houver um animal maior do que a baleia? E se houver um espaço maior que o meu quarto vezes mil? E se houver um número maior do que o maior número em que consigo pensar? Mais tarde ou mais cedo, qualquer criança intui o que se abre para lá do que não tem limites: o infinito, a eternidade.

Quem não recorda com ternura a sua intimação inaugural da ideia, certamente na primeira vez que prestaram atenção a um desempate por penáltis? (Presumo que seja esta a experiência-padrão, que aconteceu a *toda* a gente). A criança ergue os seus olhinhos inocentes para o adulto mais próximo e tenta esclarecer as regras. “Acaba quando um jogador de uma equipa marcar e um da outra equipa falhar.” Alguma reflexão superficial, e a contrapergunta óbvia: “E se ninguém falhar?” “Continuam a tentar até haver um que falhe” “Mas e se nenhum falhar?” “Algum há-de falhar, toma atenção ao jogo” “Mas e se nenhum falhar, nunca?” Porque todas as regras que organizam o mundo foram sendo feitas por adultos, quase nunca há provisões para estas improváveis hipóteses. O extenuado bom senso ou a inevitabilidade estatística, pressupõe-se, tratarão sempre de intervir como último recurso.

Foi o que aconteceu na empolgante jornada dupla para eleger o novo presidente da Assembleia da República, cujo procedimento delega os seus limites naturais à mesma teórica ausência de limites. O Regimento parlamentar dedica cinco alíneas do artigo 13.º a explicar como a coisa funciona, e reserva a sexta – e última – para títular o mesmo entusiasmo da infância perante a matemática profunda: “6 – Se

nenhum candidato for eleito, é reaberto o processo.” Mais nada! É reaberto o processo, porque se pressupõe – adultamente – que alguém há-de falhar um penálti, porque alguém falha sempre um penálti.

Mas a hipótese sempre esteve lá, latente, suspensa acima de um purgatório de sufrágio infinito. A classe jornalística sentiu-a nos ossos e esforçou-se por transmitir ao público o devido pavor religioso, embora tratando de disfarçar um óbvio e compreensível delírio profissional com uma postura *blasé*.

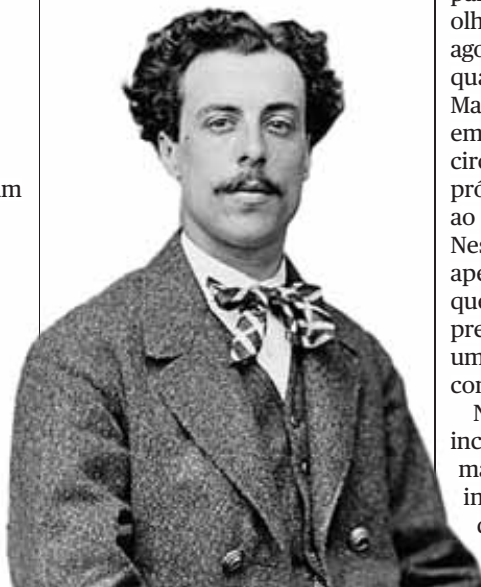
Os presságios eram evidentes, e não demorou muito até o primeiro repórter no terreno proclamar “vai ser uma longa noite”. As horas foram passando, com uma densa operação logística a assegurar a rotatividade do comentário. Comentadores exaustos depois de uma hora a explicar que “estamos perante um braço-de-ferro” eram transportados em camiões de carga para um hospital de campanha, submetidos a sessões de reidratação intravenosa, e substituídos por comentadores acabados de incubar, que podiam agora esclarecer como tudo isto mostrava um erro estratégico de x ou y, ou prejudicava a imagem da instituição.

A informação que vinha do hemiciclo não era a mais promissora. “Temos aqui uma, portanto uma situação de grande impasse... não há fumo branco.” No estúdio, um comentador improvisava prolepses como se lesse um teleponto a vapor, “o que eu portanto acho é que isto tudo mostra, ou melhor vai mostrar, um pouco aquilo que temos estado aqui a dizer, ou eu iria dizer”. Afagando o auricular com urgência, o moderador interrompe e passa a emissão para a repórter no hemiciclo, que estava equipada com a sua própria comentadora. “Anabela, é de facto, e como estavas a dizer...” “Sem dúvida, tudo indica que sim”.

A tarde arrasta-se até à noite, e começam a soar as primeiras notas de desalento.

Trabalhos de casa Rogério Casanova

A magia do infinito pairou enquanto possibilidade: a Assembleia da República não tinha votos suficientes para fazer nada com eles a não ser continuar a votar, votar para sempre, nunca parar de votar



“Vamos ver se vai haver segunda, perdão, terceira ronda... é um clima efectivamente de grande incógnita...” Alguns resistentes tentavam manter o sangue frio, reiterando o que estava em causa: “Estamos a falar portanto do cargo de presidente da Assembleia, e é à volta desse cargo que se estabeleceu o braço-de-ferro e toda esta confusão.” Horas passam, cansaço, fadiga. “Talvez se perceba se esta segunda, perdão, esta terceira votação... vamos ver se algum candidato alcança os mágicos, ou que podem ser considerados mágicos, 116 votos.” Indómitos, revigorados e com o brilho sereno de um lote acabado de retirar da embalagem, comentadores de última geração eram injectados directamente no Parlamento, sem passagem pelo estúdio, para aplicarem a sua visão raio X às mais sólidas paredes. “Vamos tentar perceber exactamente o que está a acontecer em cada um dos partidos tanto quanto nos é dado perceber... uma vez que está tudo dentro dos gabinetes... mas está comigo para ajudar nas leituras que podem ser feitas o nosso comentador...” No estúdio, cadáveres de comentários gastos eram recolhidos e segregados longe dos olhares dos espectadores mais sensíveis, o papel dos *pivots* agora reduzido ao de transferir continuamente a emissão para outras partes. “Seguimos novamente em directo para o Parlamento... Paula, olhando para o que aconteceu, agora o que é que acontece, e quando?” “Dificilmente, João...” Mas a votação já se tinha emancipado dos vulgares ritmos circadianos e adquirido a sua própria escala geológica, análoga ao Cambriano ou ao Jurássico. Nessa cronologia dilatada, apelava-se menos ao relógio do que à magia. “Os serviços preparam mais uma votação, mais uma vez nenhum candidato conseguiu os 116 votos mágicos...”

Não é um enquadramento incorrecto. Votar é um ritual mágico: a intervalos regulares, inscrevemos um símbolo ao lado do nome do inimigo que menos odiamos e depositamos o papiro numa arca,

esperando que esse gesto afecte positivamente o futuro. Isto talvez explique alguma da reputação dúbida do *mero* voto, e do argumentário construído para atenuar o misticismo eleitoral: que neutraliza valiosas energias políticas colectivas, que são necessárias outras formas de participação cívica regular, que devemos encontrar noutros meios as escolhas que este não nos oferece.

Mas a importância do mero voto – que décadas de doutrinação nos garantiram ser simultaneamente o melhor direito e o maior dever – foi finalmente aceite. Estamos convencidos! Agora adoramos votos. No mesmo acto eleitoral, não só tivemos a taxa de abstenção mais baixa em 30 anos, também conseguimos devolver ao país uma meticulosa configuração parlamentar que nos vai obrigar a nós a votar novamente dentro de pouco tempo, e que, entretanto, os obrigou a eles a votar uns nos outros durante dois dias seguidos.

No meio de afirmações descabidas e hiperbólicas sobre o “circo”, o “espectáculo” ou a “degradação” da democracia, alguém atingiu por acidente a designação correcta do que aconteceu esta semana: “Grau zero da política.” Grau zero, de facto, não com qualquer sentido pejorativo, mas de perfeito equilíbrio entrópico. O que vimos foi actividade política em estado puro: pessoas a votar para tentar eleger alguém que conte os seus votos. E se ninguém falhasse um penálti? Por breves, mas gloriosos instantes, a magia do infinito pairou enquanto possibilidade: a Assembleia não tinha votos suficientes para fazer nada com eles a não ser continuar a votar, votar para sempre, nunca parar de votar.

Claro que a ordem depressa foi restaurada, e a magia se dissipou, porque os velhos hábitos morrem devagar, e a classe política, por enquanto, ainda não gosta tanto de votar em si própria como nós aprendemos a gostar de votar nela. Talvez o próximo voto nos aproxime mais dessa utopia.